

Escola de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Psicologia Social e das Organizações

**Comunicação Pais-Filhos e Ajustamento Psicológico
de Crianças e Adolescentes Sinalizados e Não Sinalizados
ao Sistema de Proteção Português de Crianças e Jovens em Risco**

Mónica Raquel Pinheiro Lourenço

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Comunitária e Proteção de Menores

Orientador(a):

Professora Doutora Maria Manuela de Amorim Calheiros, Professora Auxiliar
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Coorientador(a):

Dra. Carla Sofia Carvalho de Freitas Silva, Investigadora
CIS – Centro de Investigação e Intervenção Social
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2016¹

¹ Dissertação entregue a 02 de novembro de 2016.
Prova Pública a 28 de novembro de 2016 (17 valores).

Agradecimentos²

O caminho faz-se caminhando e sou grata a todos os que direta e/ou indiretamente fizeram parte deste percurso académico que, há cinco anos, decidi trilhar. Sem essa contribuição teria sido (ainda) mais difícil dar por terminada esta jornada.

Ào corpo docente da licenciatura em Psicologia e do mestrado em Psicologia Comunitária e Proteção de Menores do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa pela transmissão de conhecimentos, pela partilha de experiências e pela aprendizagem proporcionada.

À Prof.^a Manuela Calheiros pela orientação e à Carla (Silva) pela coorientação, que em muito se traduziu por uma imensa generosidade e por uma disponibilidade impagável.

À (Maria) Leonor Vilhena e à Tânia (Sofia) Almeida, companheiras que a licenciatura uniu e o mestrado em áreas, instituições e horários diferentes não separou. E ao Sérgio Santos que, a fazer jus ao apelido e à profissão, nos segue militantemente.

À Joan(ic)a Lobo, à Marian(it)a Caldéron, à (Maria) Leonor Matoso, à Telma (Isabel) Grazina, e restantes colegas de turma, pelas dores comuns, conquistas cúmplices, conversas sérias e gargalhadas (in)oportunas.

À CPCJ de Odivelas, nas pessoas especiais da (minha) Bárbara Lopes e da Ana Teresa (Marques) pelo carinho constante.

À minha família em geral e, aos meus pais, em particular, por não terem desistido de mim. À minha prima Cata(rina), pela inspiração. E à minha irmã que, salvaguardadas todas as diferenças e semelhanças, segue o mesmo caminho.

Ào Ricardo, por estar sempre atrás da porta que eu tantas vezes pouco ou nada abri(a).

À minha avó, a primeira *protetora de menores* de que tenho memória.

² “*If you want to go fast, go alone. If you want to go further, go together.*” (Provérbio Africano)

COMUNICAÇÃO PAIS-FILHOS E AJUSTAMENTO PSICOLÓGICO

Resumo

A importância da comunicação entre pais e filhos reflete-se na extensa investigação internacional. Contrariamente, a pesquisa nacional é escassa dada a falta de instrumentos de avaliação adequados. Este estudo tem como objetivos: (1) adaptar e validar, numa amostra portuguesa, a Parent-Adolescent Communication Scale (PACS), de Barnes e Olson (1985); e (2) analisar a relação entre a comunicação pais-filhos e o ajustamento psicológico de crianças e adolescentes sinalizados e não sinalizados às Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ), testando ainda se a sinalização modera essa relação. Participaram 186 crianças e adolescentes (e alguns dos respetivos progenitores: 172 mães e 45 pais), entre os oito e os 16 anos, selecionados por conveniência, e recrutados presencialmente nas CPCJ ou em estabelecimentos de ensino. As crianças e os adolescentes preencheram a adaptação portuguesa da PACS, que avalia a comunicação aberta e os problemas de comunicação, e um dos respetivos progenitores preencheu a adaptação portuguesa da CBCL, para avaliação de questões do ajustamento psicológico (problemas de internalização e problemas de externalização). Os resultados sugerem que a adaptação portuguesa da PACS é válida na avaliação da comunicação pais-filhos e sensível a diferenças de idade. Na relação entre a comunicação pais-filhos e o ajustamento psicológico verifica-se que, a comunicação aberta com a mãe e os problemas de comunicação quer com a mãe quer com o pai predizem mais problemas de externalização, a comunicação aberta com o pai prediz menos problemas de externalização e os problemas de comunicação com a mãe predizem mais problemas de internalização. Ainda que existam diferenças entre o grupo sinalizado e não sinalizado, não se verifica, no entanto, o papel moderador da sinalização à CPCJ nesta relação.

Palavras-chave: adolescentes e crianças em idade escolar, ajustamento psicológico, comunicação pais-filhos, estudo de adaptação e validação, PACS, sinalização à CPCJ.

Categorias e Códigos de Classificação da APA:

2200 Psicometria, Estatística e Metodologia

2956 Educação e Cuidado Infantil

Abstract

The importance of parent-child communication is reflected in the extensive international research. In contrast, national survey is scarce due to the lack of appropriate assessment tools. This study aims to: (1) adapt and validate to a portuguese sample, Parent-Adolescent Communication Scale (PACS) of Barnes and Olson (1985); and (2) analyze the relationship between parent-child communication and the psychological adjustment of children and adolescents referred and not referred to the Child and Youth Protection Services (in Portugal, CPCJ), testing if referentiating those children moderates this relationship. 186 children and adolescents (and some of their respective parents: 172 mothers and 45 fathers), between eight and 16 years, participated in this study and were selected for convenience and recruited in person in CPCJ or schools. Children and adolescents filled out the portuguese version of PACS, which evaluates open communication and communication problems, while one of their parents filled out the portuguese version of CBCL, to evaluate issues of psychological adjustment (internalizing problems and externalizing problems). The results suggest that the portuguese version of PACS is a valid measure for assessing the communication between parents and children and sensible to age differences. About the relationship between parent-child communication and psychological adjustment, it is revealed that open communication with mother and communication problems with mother and with father predict more externalizing problems, open communication with father predict less externalizing problems and communication problems with mother predict less internalizing problems. These results also reveal that even though there are differences between groups, there is no moderating role of the referentiating to CPCJ in this relationship.

Keywords: adaptation and validation study, children and adolescents, child protective service's referentiating, parent-child communication, PACS, psychological adjustment.

APA Classification Categories and Codes:

2200 Psychometrics & Statistics & Methodology

2956 Childrearing & Child Care

Índice

Introdução	1
Capítulo I. Enquadramento Teórico	3
A Comunicação Pais-Filhos	3
Operacionalização e Avaliação da Comunicação Pais-Filhos.....	4
A Influência do Sexo e da Idade na Comunicação Pais-Filhos.....	6
A Relação entre a Comunicação Pais-Filhos e o Ajustamento Psicológico.....	7
A Relação entre a Comunicação Pais-Filhos e a Satisfação com a Vida	8
O Contexto de Mau Trato e Negligência Parental.....	9
A Comunicação Pais-Filhos em Contexto de Mau Trato e Negligência Parental	10
O Ajustamento Psicológico em Contexto de Mau Trato e Negligência Parental	11
Capítulo II. Problema, Objetivos e Hipóteses de Investigação	12
Capítulo III. Método	14
Participantes.....	14
Instrumentos	16
Parent-Adolescent Communication Scale (PACS).....	16
Escala de Satisfação com a Vida (ESV)	17
Child-Behavior Checklist (CBCL) 6-18	18
Questionário de Avaliação do Mau Trato e Negligência (QAMTN).....	19
Procedimento.....	19
Análise dos Dados	21
Capítulo IV. Resultados.....	25
Adaptação e Validação da PACS	25
Análise Descritiva dos Itens.....	25

CRIANÇAS E ADOLESCENTES SINALIZADOS E NÃO SINALIZADOS À CPCJ

Validade de Constructo.....	26
Validade Concorrente	26
Análise da Sensibilidade	27
Comunicação Pais-filhos e Ajustamento Psicológico das Crianças e Adolescentes.....	28
Análise Descritiva das Dimensões.....	28
Análise Correlacional.....	29
Modelo de Predição	30
Capítulo V. Discussão	33
Referências Bibliográficas	37
Anexos	45
Anexo A – Adaptação Portuguesa da Parent-Adolescent Communication Scale (PACS) ..	46
Anexo B – Escala de Satisfação com a Vida (ESV).....	47
Anexo C - Estrutura fatorial não estandardizada do modelo de dois fatores da Análise Fatorial Confirmatória (AFC) da versão da escala para a mãe (PACS: Mãe).....	48
Anexo D - Estrutura fatorial não estandardizada do modelo de dois fatores da Análise Fatorial Confirmatória (AFC) da versão da escala para o Pai (PACS: Pai).	49

COMUNICAÇÃO PAIS-FILHOS E AJUSTAMENTO PSICOLÓGICO

Índice de Quadros

Quadro 3.1 <i>Caracterização Sociodemográfica das Crianças/Adolescentes na Amostra Total, no GS e no GNS</i>	14
Quadro 3.2 <i>Caracterização Sociodemográfica das Figuras Parentais na Amostra Total, no GS e no GNS</i>	15
Quadro 4.1 <i>Estatística Descritiva dos Itens da PACS</i>	25
Quadro 4.2 <i>Comunicação Pais-Filhos em função do Sexo das Crianças/Adolescentes</i>	27
Quadro 4.3 <i>Comunicação Pais-Filhos em função da Idade das Crianças/Adolescentes</i>	28
Quadro 4.4 <i>Estatística Descritiva da Comunicação Pais-Filhos e do Ajustamento Psicológico</i>	28
Quadro 4.5 <i>Comunicação Pais-Filhos e Ajustamento Psicológico no Grupo Sinalizado (GS) e no Grupo Não Sinalizado (GNS)</i>	29
Quadro 4.6 <i>Correlações entre a Comunicação Pais-Filhos, o Ajustamento Psicológico e a Idade</i>	30

Índice de Figuras

Figura 4.3. Estimativas não estandardizadas do modelo causal que relaciona a Comunicação Pais-Filhos (mãe, pai) com o Ajustamento Psicológico de crianças e adolescentes sinalizados e não sinalizados à CPCJ. 31

Introdução

A comunicação, em contexto familiar, assume-se como elemento delineador da identidade e da realidade da família – promotora do desenvolvimento global e individual dos seus elementos – e das relações aí estabelecidas, particularmente da relação pais-filhos (Carr, 2006; Segrin & Flora, 2005). A sua importância reflete-se na extensa investigação realizada (e.g., Barnes & Olson, 1982, 1985; Jiménez & Delgado, 2002; Keijsers, 2015). Em Portugal, contudo, a pesquisa nesta área é escassa, podendo tal dever-se a insuficientes instrumentos de avaliação específicos e validados para a população nacional.

Duas das dimensões destacadas, de forma consistente, nos modelos teóricos existentes (Portugal & Alberto, 2013) são a comunicação aberta e os problemas de comunicação, avaliadas especificamente pela Parent-Adolescent Communication Scale (PACS, Barnes & Olson, 1985), um dos instrumentos de avaliação da comunicação entre pais e filhos amplamente usado internacionalmente. Uma comunicação aberta e clara prediz um desenvolvimento saudável das crianças e adolescentes que apresentam assim um melhor ajustamento psicossocial (Portugal & Alberto, 2010). Pelo contrário, um ambiente familiar negativo, caracterizado por problemas na comunicação (e.g., quando o foco reside nos aspetos negativos da comunicação em detrimento dos conteúdos comunicacionais partilhados) (Relvas, 1996), constitui um fator de risco de desenvolvimento de problemas externalizantes (e.g., comportamento delinquente e agressivo) e internalizantes (e.g., ansiedade, depressão e somatização) (e.g., Van Dijk et al., 2014).

Apesar de extensa, a investigação desenvolvida sobre este tema contempla pouco os contextos familiares considerados de risco (e.g., maltratantes ou negligentes). McGee e Wolfe (1991) consideram os maus tratos, atos comunicativos desadaptados que têm lugar quando a comunicação entre pais e filhos se processa desadequadamente. Para estes autores, o mau trato psicológico refere-se assim a qualquer padrão de comunicação (verbal e não verbal), na interação entre pais e filhos (e.g., denegrir, ameaçar), inibidor e prejudicial ao desenvolvimento psicológico da criança (e.g., autoestima). As famílias das crianças vítimas de maus tratos caracterizam-se, entre outros, por um ambiente linguístico e afetivo extremamente desorganizado e ao menor tempo dispendido em conversações e diálogos comparativamente às famílias não maltratantes (Drotar & Eckerle, 1989).

CRIANÇAS E ADOLESCENTES SINALIZADOS E NÃO SINALIZADOS À CPCJ

Com vista a colmatar as lacunas apontadas, desenvolvemos um estudo que permite aceder às perceções de crianças e adolescentes, entre os 8 e os 16 anos, sinalizados e não sinalizados ao serviço de proteção português de crianças e jovens em risco (neste estudo, às Comissões de Proteção de Crianças e Jovens, CPCJ), sobre a comunicação estabelecida com as figuras parentais (relativamente à comunicação aberta e aos problemas de comunicação). Têm-se como objectivos: (1) adaptar e validar, numa amostra portuguesa, a PACS; e (2) analisar a relação entre a comunicação pais-filhos e o ajustamento psicológico de crianças e adolescentes sinalizados e não sinalizados às CPCJ.

Decorrente do primeiro objetivo, será analisada a validade de constructo, a validade concorrente e a sensibilidade da escala. No seguimento do segundo objetivo pretende-se explorar a comunicação pais-filhos e os problemas de internalização e de externalização das crianças e adolescentes sinalizados e não sinalizados à CPCJ e testar o papel moderador da sinalização/não sinalização à CPCJ na relação entre a comunicação pais-filhos e o ajustamento psicológico, controlando o sexo e a idade das crianças e adolescentes dadas as evidências de que o estabelecimento da comunicação não é independente destas questões naquelas variáveis.

Em termos de estrutura é, primeiramente, enquadrado o tema, através da menção a investigações que constituem um referencial conceptual e empírico para a compreensão deste estudo. Ao nível da operacionalização e avaliação da comunicação, são definidos os constructos a analisar e apresentado o instrumento a utilizar. No seguimento, é abordada a influência do sexo e da idade na comunicação entre pais e filhos e a relação da comunicação com o ajustamento psicológico e com a satisfação com a vida. Por fim, contextualiza-se o papel da dimensão comunicacional e do ajustamento psicológico em situações familiares consideradas de risco. Posteriormente é apresentado o estudo propriamente dito (problema, objetivos e hipóteses de investigação). No capítulo referente ao Método, são descritos os participantes, os instrumentos utilizados e os procedimentos de recolha e de análise dos dados. Por último, são expostos os Resultados obtidos que, na secção referente à Discussão, são analisados à luz dos estudos anteriores, apresentando-se as suas limitações e algumas implicações e propostas de investigação e intervenção futuras.

Capítulo I. Enquadramento Teórico

A Comunicação Pais-Filhos

A comunicação, comumente vista como um processo contínuo de transmissão (i.e., envio e receção) de mensagens (Barker, 1987; Cahn, 1996; Fiske, 1993/2005; Watzlawick, Beavin, & Jackson, 1967/1993), é um dos aspetos mais importantes das relações interpessoais e especialmente proeminente nas interações humanas e familiares (Baxter, 1985; Olson, 1982). Em contexto familiar, ao promover o desenvolvimento global e individual dos seus elementos (Carr, 2006; Segrin & Flora, 2005), constitui-se como uma dimensão relacional central. É a partir deste constructo que, na relação particular entre pais e filhos, são definidos os papéis familiares (e.g., pai, mãe, filho), os limites (e.g., regras, horários), os padrões comportamentais (e.g., partilha, conflito) e as funções exercidas por cada elemento da díade (e.g., dar suporte emocional e/ou físico) (Vangelisti, 2004). Desta forma, a comunicação permite não só identificar, reconhecer e dar resposta às necessidades/exigências básicas da relação parental (Carr, 2006; Relvas, 1996), bem como transmitir confiança e segurança nas relações afetivas estabelecidas, primeiramente dentro da família e posteriormente por toda a rede social (Kurdt et al., 2012).

A comunidade científica debruçou-se, desde cedo, sobre o estudo da comunicação em contexto familiar (e.g., Watzlawick et al., 1967/1993), estando refletida a importância da comunicação entre pais e filhos na quantidade de investigações realizadas ao longo das últimas décadas (e.g., DeGoede, Branje, & Meeus, 2009; Jiménez & Delgado, 2002; Keijsers, 2015; Lanz, Iafate, Rosnati, & Scabini, 1999). Essa extensa pesquisa evidencia a complexidade do conceito (Watzlawick et al., 1967/1993) na medida em que abarca diversos tópicos relativos à comunicação, como os estilos comunicacionais (e.g., Gleitman, Fridlund, & Reisberg, 2011), os padrões comunicacionais (e.g., Portugal & Alberto, 2013) ou a qualidade da comunicação (e.g., Huff, Widmer, & McCoy, 2003).

A qualidade da comunicação familiar depende não só do fluxo de informações (i.e., padrão e quantidade), bem como da presença e/ou ausência de características de relacionamento positivo (e.g., amor, apoio, carinho, confiança e limites apropriados) e de constrangimentos à comunicação (e.g., envolvimento dos membros em comportamentos destrutivos como críticas ou violência) (Huff et al., 2003). Ao dizerem respeito a diferentes

características da comunicação em família, a interação destes fatores determina se os ambientes familiares são representativos de uma comunicação aberta em família ou, pelo contrário, de uma comunicação problemática.

Sendo consensual que a comunicação pais-filhos se trata de um constructo multidimensional (Portugal & Alberto, 2010), a comunicação aberta e os problemas de comunicação são duas das dimensões mais consistentemente destacadas pelos modelos teóricos relevantes nesta área (e.g., Barnes & Olson, 1982, 1985; Keijsers & Poulin, 2013; Watzlawick, et al. 1967/1993). Importa assim abordá-las mais especificamente.

Operacionalização e Avaliação da Comunicação Pais-Filhos

A comunicação aberta é a dimensão comunicacional referente aos indicadores positivos que permitem a facilidade de comunicação, ou seja, o esclarecimento de conteúdos e papéis. São características desta dimensão, a livre expressão, enquanto fluxo livre e fluido de informações, tanto instrumental (i.e., factual) e emocional, a satisfação com a comunicação e a adequação da linguagem, bem como as relações positivas dentro da família e o nível de satisfação e compreensão produzida nessa interação (Barnes & Olson, 1982). As famílias que têm predominantemente uma comunicação aberta experienciam poucos constrangimentos na medida em que esta cria dentro da família um ambiente de mudanças positivas, compreensão e crescimento. É expectável que a facilitação de uma comunicação aberta nas famílias fortaleça as relações familiares (Huff et al., 2003).

Por sua vez, os problemas de comunicação dizem respeito aos aspetos menos positivos. Este tipo de comunicação dita problemática distingue-se pela existência de padrões/estilos negativos de interação (e.g., conflito, desvalorização), pela resistência à partilha (i.e., hesitação em trocar informações, nomeadamente na seletividade e cautela sobre qual o conteúdo a partilhar), ou pela troca pouco saudável de informação causada pela distorção ou negação da expressão pessoal (Barnes & Olson, 1982; Huff et al., 2003). Os membros da família que apresentem problemas ao nível da comunicação são incapazes de expressar pensamentos e sentimentos, tornando-se a sua comunicação limitada. Exemplos extremos de problemas de comunicação envolvem gritos e tentativas de prejudicar ou de

COMUNICAÇÃO PAIS-FILHOS E AJUSTAMENTO PSICOLÓGICO

abusar de outros membros da família. Esta é uma situação comum em famílias disfuncionais (Barber & Olsen, 1997; Hart, Olson, Robinson, & Mandlco, 1997).

Entre os instrumentos que avaliam a dimensão comunicacional nas relações entre pais e filhos (e.g., Adolescents' Communication with Parents Scale de Yang & Zou, 2008; Interpersonal Communication Inventory de Bienvenu, 1971; Parent-Youth Communication Questionnaire de Serna, Schumaker, Sherman, & Sheldon, 1991), a Parent-Adolescent Communication Scale (PACS; Barnes & Olson, 1985), ao avaliar o conteúdo e o processo de comunicação entre pais e adolescentes, fá-lo especificamente através da comunicação aberta e dos problemas de comunicação. Cada membro da família, por meio de (três) formulários específicos (um para o pai/mãe que responde em relação ao filho, e dois para os filhos que respondem relativamente a cada uma das figuras parentais), indica o grau de concordância com os itens, que diferem apenas quanto ao membro da família com quem a comunicação é estabelecida (e.g., 'o meu filho(a)', 'o meu pai', 'a minha mãe'). Sendo assim medida a quantidade de aspetos positivos e negativos de comunicação, as pontuações mais altas refletem, respetivamente, um maior grau de comunicação aberta e de problemas de comunicação percebidos.

São comumente referidas como vantagens da PACS a facilidade de utilização/administração e a estrutura simples de interpretação. As suas propriedades psicométricas (e.g., uma fidedignidade que varia de adequada a excelente, um adequado constructo, e uma validade de conteúdo discriminante), refletidas nas várias adaptações e validações já realizadas internacionalmente (e.g., versão holandesa de Jackson, Bijstam Oostra, & Bosma, 1998; versão espanhola de Estévez-López, Musitu-Ochoa, & Herrero-Olaizola, 2005; versão argentina de Schmidt, Messoulam, Molina, & Abal, 2008), são também apontadas como qualidades da PACS.

Até à data, não existe uma versão validada deste instrumento em língua portuguesa. Em Portugal, a PACS já havia sido usada por Tribuna (2000) quando pretendeu analisar a vinculação e a comunicação em adolescentes a residir em famílias de acolhimento, sem que esta fosse validada para a população portuguesa, nem para a sua amostra em particular.

A Influência do Sexo e da Idade na Comunicação Pais-Filhos

Das variáveis tidas como influentes na comunicação entre pais e filhos, o sexo e a idade são dos mais enfatizados na literatura. Face a isso, serão igualmente objeto de análise no presente estudo.

As raparigas, comparativamente aos rapazes, reportam uma maior frequência e uma maior intimidade nos padrões de comunicação com ambas as figuras parentais (Bumpus & Hill, 2008; De Goede et al., 2009; Keijsers & Poulin, 2013; McNaughton, 2000) que se reflete, de igual modo, numa comunicação mais aberta estabelecida com ambos os progenitores (McNaughton, 2000). A par disso, as raparigas tendem a ser emocionalmente mais expressivas (i.e., na partilha de emoções e sentimentos) (McNaughton, 2000) experienciando assim uma melhor qualidade de relacionamento com as figuras parentais (DeGoede et al., 2009b; Furman & Buhrmester, 1992). Existem ainda evidências quanto às diferenças de género de que, independentemente do sexo dos filhos, a comunicação é preferencialmente mantida com as mães (e.g., Barnes & Olson, 1985; Jackson et al., 1998; Jiménez & Delgado, 2002; Lanz et al., 1999; McNaughton, 2000).

A fase da vida familiar que contempla os primeiros seis anos de escolaridade da criança, nomeadamente que se encontram a frequentar o primeiro e o segundo ciclo de escolaridade (i.e., do 1º ao 6º ano), é pautada por movimentos de fecho e de abertura do ambiente familiar relativamente ao exterior (Bumpus & Hill, 2008; Relvas, 1996). Em termos comunicacionais, Relvas (2006) e Alarcão (2006) consideram que a criança passa a assumir o papel de gestor comunicacional, projetando as regras de comunicação da família para outros contextos (e.g., pares, escola) e principiando o seu processo de individualização e de socialização (Herbert, 2004; Taborda Simões, Martins, & Formosinho, 2006). Deste modo, a comunicação familiar nesta fase aparece focada na progressiva autonomização das crianças (Annear & Yates, 2010). Apesar disso, é possível constatar que as crianças desta faixa etária percecionam a comunicação estabelecida com os pais como menos frequente do que a que desejariam (Cia, Pamplin, & Del Prette, 2006).

No período da adolescência, e sendo esta marcada por um grande desejo de autonomia e independência (Erikson 1963; Huff et al., 2003; Meeus, Van de Schoot, Keijsers, Schwartz, & Branje, 2010; Ying et al., 2015), a comunicação assume um papel preponderante na

COMUNICAÇÃO PAIS-FILHOS E AJUSTAMENTO PSICOLÓGICO

construção da identidade dos adolescentes (Allué, 2011; Finkenauer, Engels, & Meeus, 2002) e, simultaneamente, na relação familiar inerente na medida em que é um meio importante para atingir e reforçar a conexão e a intimidade entre pais e filhos (Finkenauer et al., 2002; Kerr, Stattin, & Trost, 1999). De uma forma geral, uma boa comunicação entre pais e filhos, que ofereça oportunidades de participação e troca de ideias, facilita o processo de autonomia dos adolescentes (Koesten, 2004), tarefa fulcral nesta fase (Carr, 2006).

O facto de os adolescentes exigirem dos cuidadores um exercício da parentalidade distinto do adequado às crianças atendendo às questões de desenvolvimento características, implica o teste dos limites e a procura de independência (Ying et al., 2015) gerando potenciais sentimentos de perda de controlo e, conseqüentemente, comportamentos cada vez mais rígidos e controladores dos pais, os quais muitas vezes estão na génese do mau trato (Doueck, Hideki-Ishisaka, Love-Sweany, & Gilchrist, 1987). Eckstein (2004), ao estudar a violência entre pais e filhos, concluiu que os filhos adolescentes tendem a percecionar a postura comunicacional dos pais como sendo de desafio, potenciando-os a interagir negativamente com estes.

Ochoa, Lopez, e Emler (2008) constataram que o autoconceito familiar positivo depende do nível de abertura comunicacional entre o adolescente e as figuras parentais. Deste modo, uma comunicação aberta e livre de problemas entre pais e adolescentes pode contribuir não só para que os jovens experienciem mais sentimentos positivos e menor conflitualidade (Jackson et al., 1998) como também para a qualidade das relações afetivas/íntimas entre eles (e.g., Guilamo-Ramos, Jaccard, Dittus, & Bouris, 2006; Metzger, Ice, & Cottrell, 2012; Shek, 2010).

A Relação entre a Comunicação Pais-Filhos e o Ajustamento Psicológico

A qualidade da comunicação entre pais e filhos, que inclui a comunicação aberta e os problemas de comunicação, muito embora sofra alterações na adolescência, assume um papel de grande relevância no ajustamento psicossocial, na saúde mental e nos comportamentos de saúde das crianças e dos adolescentes (e.g., Meschke & Juang, 2014; Zhiwen, Xiaoming, & Stanton, 2011).

CRIANÇAS E ADOLESCENTES SINALIZADOS E NÃO SINALIZADOS À CPCJ

Um ambiente familiar positivo, caracterizado pela livre expressão de informações, constitui um fator protetor para alguns comportamentos ditos problemáticos ou de risco como a delinquência, o consumo de álcool, substâncias/drogas leves ou tabaco; e a iniciação sexual precoce (e.g., DeVore & Ginsburg, 2005; Teodoro, Cerqueira-Santos, Morais, & Koller, 2007). Neste sentido, a comunicação aberta facilita o ajustamento psicológico das crianças e dos adolescentes, na medida em que, ao afetar o comportamento dos adolescentes pode protegê-los de comportamentos delinquentes (Clark & Shields, 1997), levar a níveis mais baixos de abuso de substâncias (Hartos & Power, 2000) e promover uma maior responsabilidade no comportamento sexual (Pistella & Bonati, 1999). A comunicação aberta prediz assim um desenvolvimento saudável das crianças e jovens dado que estes, ao perceberem melhores níveis de comunicação aberta e clara, apresentam um melhor ajustamento psicossocial (e.g., Meschke & Juang, 2014; Zhiwen et al., 2011). Pelo contrário, ao perceberem baixos níveis de comunicação aberta com os seus progenitores tendem a demonstrar um ajustamento psicossocial pobre (Xiao, Li, & Stanton, 2010).

Por outro lado, um ambiente familiar negativo, caracterizado por problemas na comunicação (e.g., quando o foco reside nos aspetos negativos da comunicação em detrimento dos conteúdos comunicacionais partilhados) (Relvas, 1996), constitui um fator de risco de desenvolvimento de problemas de comportamento externalizantes (e.g., comportamento delinvente e agressivo) e internalizantes (e.g., ansiedade, depressão e somatização) (e.g., Brage & Meredith, 1994; Kerr & Stattin 2000; Van Dijk et al., 2014). Os problemas de internalização envolvem muitas vezes dificuldades em expressar emoções e respostas emocionalmente inibidas (Zahn-Waxler, Klimes-Dougan, & Slattery, 2000) e, por sua vez, estas dificuldades de expressão e gestão de emoções, em ambiente familiar, representam uma dimensão crítica de um perfil de risco elevado para a internalização de problemas (McMakin et al., 2011).

A Relação entre a Comunicação Pais-Filhos e a Satisfação com a Vida

A satisfação com a vida é um componente cognitivo básico de bem-estar subjetivo (Keyes, 2006) e refere-se ao julgamento de um indivíduo sobre a globalidade da sua qualidade de vida (Proctor, Linley, & Maltby, 2009). Em estudos realizados com crianças e

COMUNICAÇÃO PAIS-FILHOS E AJUSTAMENTO PSICOLÓGICO

adolescentes, está positivamente associada a variáveis pessoais e sociais (e.g., autoestima, experiências de vida, relações entre pais e filhos) (e.g., Edwards & Lopez, 2006; Oberle, Schonert-Reichl, & Zumbo, 2011), e negativamente associada a problemas psicossociológicos (Park, 2004), como sintomas de depressão, ansiedade, stress, suicídio, comportamento agressivo e/ou de risco (e.g., Bendayan, Blanca, Fernández-Baena, Escobar, & Trianes, 2013; Helliwell 2007; Valois, Zullig, Huebner, & Drane, 2001).

Levin, Dallago e Currie (2012) verificaram que a comunicação entre pais e filhos é um grande preditor da satisfação com a vida, reportando o grande impacto da qualidade da comunicação familiar na satisfação dos adolescentes com a vida. Independentemente do sexo dos filhos, uma comunicação positiva com ambos os pais está diretamente associada à percepção que estes têm quanto à satisfação com a sua vida (Cava, Buelga, & Musitu, 2014; Levin et al., 2012), na medida em que jovens de famílias cuja comunicação é aberta são mais felizes, mais saudáveis e mais satisfeitos com as suas vidas (Jackson et al., 1998).

O Contexto de Mau Trato e Negligência Parental

A evidência dos efeitos significativos das experiências traumáticas de mau trato ou negligência não minimiza o interesse académico. O estudo da comunicação pais-filhos poderá tornar-se mais pertinente tomando por sujeitos crianças e adolescentes inseridos em contextos familiares que suscitem dificuldades acrescidas. Entre estes destacamos os que envolvem a sinalização ao sistema de proteção de crianças e jovens em risco (e.g., situações de mau trato e negligência por parte dos pais), dadas as suas potenciais implicações graves na qualidade de vida destes.

Segundo o relatório mais recente de avaliação da atividade das comissões de proteção de crianças e jovens (CNPDPJ, 2016), no ano de 2015, foram acompanhados 73355 processos. Comparativamente a 2014 (volume processual global = 73019 processos) denota-se um ligeiro aumento (+ 336 processos) ainda que inferior ao do ano anterior (2013/2014: + 1452 processos). Entre as situações de perigo comunicadas às CPCJ, a negligência constituiu-se uma das problemáticas mais prevalentes (19.4%). Se a esta forem acrescidas as situações de maus tratos físicos e de maus tratos psicológicos/abuso emocional, mesmo que com

valores percentuais menores (5.2% e 2.3%, respetivamente), fundamenta-se, *per se*, um estudo aprofundado no âmbito desta problemática.

A Comunicação Pais-Filhos em Contexto de Mau Trato e Negligência Parental

Calheiros (2006), após uma vasta revisão de literatura, distinguiu cinco tipos de mau trato: mau trato físico, mau trato psicológico, negligência física, negligência psicológica e abuso sexual. Para McGee e Wolfe (1991), os maus tratos são atos comunicativos desadaptados que têm lugar quando a comunicação pais-filhos não se processa de forma adequada. Estes autores (Wolfe & McGee, 1994) referem que o mau trato psicológico diz respeito a qualquer padrão de comunicação que pode inibir e danificar uma parte importante do desenvolvimento psicológico da criança (e.g., a autoestima), englobando comportamentos verbais e não-verbais (i.e., atos de comunicação verbal e não verbal) na interação entre pais e filhos (e.g., denegrir, ameaçar), a que Calheiros (2006) incluiu as omissões na relação entre pais e filhos e a exposição da criança a conflitos e a violência doméstica.

Em contexto de mau trato e negligência parental, é possível identificarem-se padrões característicos de comunicação (Conte, 1986; Levang, 1989), mesmo esta sendo severamente limitada (Cerezo, D'Ocon, & Dolz, 1996). Burgess e Conger (1978) observaram que, nas interações ocorridas em famílias com situações de mau trato ou negligência os progenitores maltratantes e os progenitores negligentes interagem menos com os seus filhos (em termos de comunicação verbal) e tendem a realçar os aspetos negativos da relação por comparação com as famílias em que não se verificava nenhuma forma de abuso. Segundo Drotar e Eckerle (1989), as crianças vítimas de maus tratos caracterizam-se por terem, entre outros, dificuldades de comunicação que podem ser devidas, ao ambiente linguístico e afetivo extremamente desorganizado vivido neste contexto e também a um menor tempo dispendido em conversações e diálogos, comparativamente às famílias não maltratantes (Beeghly & Cicchetti, 1994).

A qualidade da comunicação pais-filhos diverge assim significativamente nas famílias negligentes, maltratantes e não negligentes/maltratantes ao nível do investimento nos aspetos sociais da comunicação (Crittenden, 1988). Nas famílias negligentes, os pais não percecionam uma comunicação elevada entre si e os seus filhos e exibem um discurso insensível e pouco

COMUNICAÇÃO PAIS-FILHOS E AJUSTAMENTO PSICOLÓGICO

responsivo (Crittenden, 1981). As situações de negligência são representativas de posturas relacionais que implicam distorções na dimensão comunicacional, marcadas pela confusão/rigidez de papéis (Alberto, 2008). Nas famílias negligentes, a rejeição (e.g., o progenitor não dar a atenção devida ao filho deixando-o a falar sozinho) e a desconfirmação (i.e., a negação da existência do outro) (Alarcão, 2006) são características de comunicação comuns que provocam sentimentos de inutilidade e de abandono nas crianças.

O Ajustamento Psicológico em Contexto de Mau Trato e Negligência Parental

As práticas parentais de mau trato e negligência, por ocorrerem principalmente em contexto familiar, têm um impacto negativo significativo no desenvolvimento e na adaptação das crianças que disso são vítimas (e.g., Éthier, Lemelin, Lacharité, 2004). Ainda que este processo de desenvolvimento seja complexo e que o impacto deste tipo de experiências não seja direto mas sim o resultado da inter-relação de fatores protetores e de risco (Calheiros, 2006), entre as consequências mais mencionadas, todas referentes à adaptação da criança a curto, médio e longo prazo, destaca-se o ajustamento psicológico (e.g., de Paul & Arruabarrena, 1995).

As crianças expostas a mau trato ou negligência parental revelam elevados níveis de perturbação em várias áreas do funcionamento psicológico e do desenvolvimento (Luntz & Widom, 1994; Lynch, 1988; Norman, Byambaa, Butchart, Scott, & Vos, 2012). No seu percurso de desenvolvimento, podem assim apresentar, ao nível dos problemas de internalização, desde depressão (e.g., Hankin, 2006), sintomatologia depressiva (Finzi, Har-Even, Shnit, & Weizman, 2002; Kim & Cicchetti, 2006) a distúrbios da ansiedade (Finzi et al., 2002; Leifer, Shapiro, Martone, & Kassem, 1991); e, ao nível dos problemas de externalização, problemas de comportamento (Smyke et al., 2007) e comportamentos desviantes na adolescência (Herrenkohl, Herrenkohl, & Egolf, 2003; Trickett & McBride-Chang, 1995).

Capítulo II. Problema, Objetivos e Hipóteses de Investigação

A revisão apresentada demonstra a importância da comunicação em contexto familiar, particularmente na relação entre pais e filhos. Considerando que a escassez de estudos em Portugal sobre a comunicação entre pais e filhos de uma forma geral, e em contextos vulneráveis em particular, possa ser em parte devida à falta de instrumentos devidamente validados, pretendemos contribuir para o aumento do conhecimento da temática da comunicação entre pais e filhos, nomeadamente potenciando a sua avaliação em contexto nacional.

O presente estudo está enquadrado numa investigação mais ampla, intitulada “Processos Cognitivos e Emocionais na Relação entre Conflitos Familiares e Auto-Representações das Crianças”, desenvolvida por Carla Sofia Silva e coordenada por Maria Manuela Calheiros e, financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BD/90354/2012). Um dos objectivos centrais dessa investigação é analisar o processo de construção das auto-representações de crianças e adolescentes vítimas de práticas parentais de mau trato (e.g., mau trato, negligência) no qual se examinará o papel moderador da comunicação pais-filhos no teste da *Looking-Glass Self Hypothesis* (i.e., no modelo de mediação das meta-representações na relação entre as hetero-representações dos pais e as auto-representações das crianças e adolescentes).

Tem-se como primeiro objetivo adaptar e validar, numa amostra portuguesa, uma escala amplamente utilizada a nível internacional de acesso às perceções de comunicação entre pais e filhos (viz., comunicação aberta e problemas de comunicação), a Parent-Adolescent Communication Scale (PACS; Barnes & Olson, 1985). Concretamente pretende-se analisar a validade de constructo, a validade concorrente e a sensibilidade da escala numa amostra de crianças e adolescentes (dos 8 aos 16 anos) sinalizados e não sinalizados ao sistema de proteção português de crianças e jovens em risco (neste estudo, à CPCJ).

Como segundo objetivo, e com base na evidência empírica acerca da relação entre a comunicação pais-filhos e vários aspetos do ajustamento psicológico das crianças e adolescentes, pretendemos analisar especificamente a relação entre as dimensões da adaptação portuguesa da PACS e os problemas de comportamento de internalização e de externalização percebido pelos pais das crianças e adolescentes sinalizados e não sinalizados à CPCJ.

COMUNICAÇÃO PAIS-FILHOS E AJUSTAMENTO PSICOLÓGICO

Tendo em conta a relação anterior, e importando também perceber se existem diferenças entre as crianças e adolescentes sinalizados à CPCJ e as crianças e adolescentes não sinalizados à CPCJ, pretendemos ainda explorar se esta relação varia em função das crianças e adolescentes estarem ou não estarem sinalizados à CPCJ, ou seja, teremos em conta o potencial papel moderador da sinalização ou não sinalização à CPCJ nessa relação.

Tendo em consideração o primeiro objetivo proposto colocamos como hipóteses de investigação que, relativamente à validade de constructo, (H1) a estrutura fatorial da adaptação portuguesa da PACS ajusta-se ao modelo original; relativamente à validade concorrente, (H2) a comunicação aberta está positivamente associada com a satisfação com a vida e os problemas de comunicação estão negativamente associados com a satisfação com a vida (Cava et al., 2014; Levin et al., 2012); relativamente à análise da sensibilidade da escala, esta é sensível às diferenças na comunicação em função do sexo e da idade das crianças e adolescentes na medida em que (H3) as raparigas estabelecem significativamente uma comunicação mais aberta e menos problemática com as figuras parentais (e.g., Bumpus & Hill, 2008; De Goede et al., 2009; Keijsers & Poulin, 2013; McNaughton, 2000) e (H4) a idade está significativamente associada à comunicação aberta e aos problemas de comunicação tidos com as figuras parentais, no sentido em que quanto mais idade, menos comunicação aberta e mais problemas de comunicação, face às características próprias da adolescência (Doueck et al., 1987; Eckstein, 2004).

O segundo objetivo implicou a formulação de um modelo preditivo. Controlando o sexo e a idade hipotetizámos que (H5) a comunicação aberta estabelecida com as figuras parentais está negativamente associada aos problemas de internalização e aos problemas de externalização (e.g., Meschke & Juang, 2014; Zhiwen et al., 2011); (H6) os problemas de comunicação tidos com as figuras parentais estão positivamente associados aos problemas de internalização e aos problemas de externalização (Xiao et al., 2010); (H7) a relação negativa entre a comunicação aberta estabelecida com as figuras parentais e os problemas de internalização e de externalização é mais forte no grupo não sinalizado; e (H8) a relação positiva entre os problemas de comunicação tidos com as figuras parentais e os problemas de internalização e de externalização é mais forte no grupo sinalizado.

Capítulo III. Método

Participantes

A amostra, de conveniência, é constituída por 186 crianças e adolescentes (54.4% raparigas) (Quadro 3.1) com idades compreendidas entre os oito e os 16 anos ($M = 11.72$; $DP = 2.58$): 88 estavam sinalizados à CPCJ (Grupo Sinalizado: 54.5% rapazes; $M_{idade} = 12.5$; $DP_{idade} = 2.5$); e 98 não estavam sinalizados à CPCJ (Grupo Não Sinalizado: 62.2% raparigas; $M_{idade} = 11.02$; $DP_{idade} = 2.47$). As crianças e os adolescentes eram maioritariamente pertencentes ao grupo étnico luso (88.1%), quer estivessem sinalizados (90.9%) ou não sinalizados (85.2%) à CPCJ.

Relativamente à escolaridade (Quadro 3.1), 33% das crianças e adolescentes frequentavam o 1º ciclo (i.e., 2º, 3º e 4º ano) e 9.2% frequentavam o ensino secundário (i.e., 10º, 11º e 12º ano): no grupo não sinalizado essa prevalência mantém-se (43.9% e 10.2%, respetivamente) enquanto no grupo sinalizado, a predominância recai para o 2º ciclo (37.9%) mantendo-se o ensino secundário como o menos frequentado (8%). A maioria das crianças e adolescentes (75.9%) referiu não ter retenções académicas (Quadro 3.1), independentemente de estarem sinalizados (52.8%) ou não sinalizados (92.9%) à CPCJ.

Quadro 3.1

Caracterização Sociodemográfica das Crianças/Adolescentes na Amostra Total, no GS e no GNS

		Total		GS		GNS	
		N	%	N	%	N	%
Sexo	Feminino	101	54.4	40	45.5	61	62.2
	Masculino	85	45.7	48	54.5	37	37.8
Grupo Étnico	Luso	155	88.1	80	90.9	75	85.2
	Africano	12	6.8	5	5.7	7	8
	Brasileiro	1	.6	1	1.1	3	3.4
	Outro	7	4	2	2.2	3	3.4
Escolaridade	1º Ciclo	61	33	18	20.7	43	43.9
	2º Ciclo	57	30.8	33	37.9	24	24.5
	3º Ciclo	50	27	29	33.3	21	21.4
	Ensino Secundário	17	9.2	7	8	10	10.2
Retenções Académicas	Sim	41	24.1	34	47.2	7	7.1
	Não	129	75.9	38	52.8	91	92.9

Nota. $N_{Total} = 186$; $N_{GS} = 88$ (47.31%); $N_{GNS} = 98$ (52.69%)

COMUNICAÇÃO PAIS-FILHOS E AJUSTAMENTO PSICOLÓGICO

Participaram também 217 figuras parentais: 172 mães (79.26%) com idades compreendidas entre os 22 e os 55 anos ($M = 40.26$; $DP = 6.22$) e 45 pais (20.74%) com idades compreendidas entre os 27 e os 68 anos ($M = 43.55$; $DP = 7.25$). No grupo sinalizado participaram 88 mães (79.28%) com idades compreendidas entre os 23 e os 52 anos ($M = 38.6$; $DP = 6.47$) e 23 pais (20.72%) com idades compreendidas entre os 30 e os 57 anos ($M = 42.4$; $DP = 6.79$) e, no grupo não sinalizado, participaram 84 mães (79.25%) com idades compreendidas entre os 22 e os 55 anos ($M = 41.68$; $DP = 5.65$) e 22 pais (20.75%) com idades compreendidas entre os 27 e os 68 anos ($M = 44.14$; $DP = 7.43$).

Da escolaridade das figuras parentais (Quadro 3.2), ainda que, na amostra total, quer as mães quer os pais apresentassem predominantemente o ensino superior (Mães = 29.4%, Pais = 31%), essa prevalência apenas é visível nas mães do grupo não sinalizado (43.4%): no grupo sinalizado, 28.6% das mães e 30.3% dos pais apresentava o 1º ciclo e, no grupo não sinalizado, 40.7% dos pais apresentava o ensino secundário. Quanto à situação profissional (Quadro 3.2), ambos os progenitores encontravam-se maioritariamente empregados (Mães = 70.24%; Pais = 93.3%), verificando-se o mesmo tanto no grupo sinalizado (54.44% das mães; 83% dos pais) como no grupo não sinalizado (83.52% das mães; 98.8% dos pais).

Quadro 3.2

Caracterização Sociodemográfica das Figuras Parentais na Amostra Total, no GS e no GNS

			Total		GS		GNS	
			N	%	N	%	N	%
Mães	Escolaridade	Sem Escolaridade	2	1.3	2	2.9		
		1º Ciclo	23	15	21	30	2	2.4
		2º Ciclo	16	10.5	14	20	2	2.4
		3º Ciclo	33	21.6	20	28.6	13	15.7
		Ensino Secundário	34	22.2	4	5.7	30	36.1
		Ensino Superior	45	29.4	9	12.9	36	43.4
	Situação Profissional	Empregado	118	70.24	42	54.55	76	83.52
	Desempregado	50	29.76	35	45.45	15	16.48	
Pais	Escolaridade	Sem Escolaridade	4	4.6	4	12.1		
		1º Ciclo	14	16.1	10	30.3	4	7.4
		2º Ciclo	8	9.2	4	12.1	4	7.4
		3º Ciclo	9	10.3	5	15.2	4	7.4
		Ensino Secundário	25	28.7	3	9.1	22	40.7
		Ensino Superior	27	31	7	21.2	20	37
	Situação Profissional	Empregado	126	93.3	44	83	82	98.8
	Desempregado	9	6.7	8	17	1	1.2	

Nota. Mães: $N_{Total} = 172$ (79.26%); $N_{GS} = 88$ (79.28%); $N_{GNS} = 84$ (79.25%);

Pais: $N_{Total} = 45$ (20.74%); $N_{GS} = 23$ (20.72%); $N_{GNS} = 22$ (20.75%);

CRIANÇAS E ADOLESCENTES SINALIZADOS E NÃO SINALIZADOS À CPCJ

Foram abrangidos 19 concelhos do país: sete do arquipélago da Madeira (Câmara de Lobos, Funchal, Machico, Ponta do Sol, Porto Moniz, Santa Cruz, São Vicente), um da Zona Centro (Viseu) e 11 da zona de Lisboa e Vale do Tejo (Alenquer, Almada, Amadora, Barreiro, Cascais, Lisboa, Montijo, Odivelas, Oeiras, Seixal, Sintra). As crianças e os adolescentes pertenciam predominantemente ao concelho de Odivelas (43.2%): o grupo sinalizado, cuja predominância geográfica era no Funchal (24.1%) e em Odivelas (20.7%), não englobava crianças e adolescentes de Alenquer e de Viseu; o grupo não sinalizado apenas abrangia crianças e adolescentes da Amadora (22.9%), Alenquer (11.5%), Lisboa (1%), Odivelas (63.5%), Viseu (1%).

O critério de inclusão dos participantes no grupo sinalizado (GS) ou no grupo não sinalizado (GNS) obedeceu à idade (entre os oito e os 16 anos) e ao facto de estarem ou não sinalizados à CPCJ. O grupo sinalizado compreende então as crianças e os adolescentes (entre os oito e os 16 anos) que estavam sinalizados à CPCJ enquanto o grupo não sinalizado compreende as crianças e os adolescentes (entre os oito e os 16 anos) que não estavam sinalizados à CPCJ. Para efeito de controlo dos critérios para inclusão no grupo das crianças e adolescentes que não estavam sinalizados à CPCJ (GNS), era solicitada às figuras parentais informação sobre o acompanhamento, no último ano, por parte de algum serviço de apoio, excluindo-se do grupo não sinalizado os que haviam declarado ter sido acompanhados pelos seguintes serviços: ‘Comissão de Protecção de Crianças e Jovens, Equipa Multidisciplinar de Apoio ao Tribunal ou Instituto Nacional de Medicina Legal’. Dado que nenhum participante do grupo não sinalizado referiu estar inserido nos serviços de protecção de crianças e jovens em risco, ninguém foi retirado deste grupo.

Instrumentos

Parent-Adolescent Communication Scale (PACS)

A PACS (PACS; Barnes & Olson, 1985) é um instrumento direccionado para a avaliação do conteúdo e do processo de comunicação entre pais e filhos. Esta escala é composta por 20 itens organizados em duas subescalas, de 10 itens cada: a Escala de Comunicação Aberta (ECA) e a Escala de Problemas de Comunicação (EPC). A ECA mede os aspetos positivos da comunicação familiar, especificamente o seu grau de abertura na

COMUNICAÇÃO PAIS-FILHOS E AJUSTAMENTO PSICOLÓGICO

interação entre pais e filhos enquanto fonte de livre expressão e compreensão. Incluí os itens 1, 3, 6, 7, 8, 9, 13, 14, 16 e 17 (e.g., “*A minha mãe/o meu pai é sempre um(a) boa/bom ouvinte*”, item nº 3; “*A minha mãe/pai tenta compreender o meu ponto de vista*”, item nº 14). A EPC acede aos aspetos negativos da comunicação, nomeadamente à extensão dos problemas comunicacionais familiares. Esta escala compreende os itens 2, 4, 5, 10, 11, 12, 15, 18, 19 e 20 (e.g., “*Por vezes tenho medo de pedir à minha mãe/ao meu pai o que quero*”, item nº 4; “*Penso que não posso dizer à minha mãe/pai como realmente me sinto em relação a certas coisas*”, item nº 20).

Neste estudo, foi utilizada somente a versão para crianças e adolescentes já traduzida para português no âmbito do projeto de investigação mais alargado em curso, (SFRH/BD/90354/2012) (Anexo A). Estes respondiam aos itens duas vezes, para cada um dos progenitores, através de uma escala de tipo Likert com cinco pontos que indicam a extensão da concordância com os mesmos (1, *discordo totalmente*; 2, *discordo moderadamente*; 3, *nem concordo, nem discordo*; 4, *concordo moderadamente*; e 5, *concordo totalmente*). Pontuações mais altas na ECA e na EPC refletem, respetivamente, um maior grau de comunicação aberta e um maior grau de problemas percebidos pelos filhos na comunicação estabelecida com os pais. A consistência interna revelou-se muito boa em ambas as escalas, quer para a versão da mãe ($\alpha_{ECA} = .83$; e $\alpha_{EPC} = .77$), quer para a versão do pai ($\alpha_{ECA} = .91$; e $\alpha_{EPC} = .73$). No instrumento original (Barnes & Olson, 1985) não há distinção entre as versões da comunicação estabelecida com as figuras parentais ($\alpha_{ECA} = .87$ e $\alpha_{EPC} = .78$).

Escala de Satisfação com a Vida (ESV)

Esta escala (ESV; adaptado de Diener, Emmons, Larsen, & Griffins, 1985, por Neto, 1993) acede exclusivamente à perceção dos indivíduos sobre as suas circunstâncias de vida avaliando de que forma estes consideram estar satisfeitos com a mesma. É composta por cinco itens genéricos (e.g., “*Em muitos aspetos, a minha vida aproxima-se dos meus ideais*”, item nº 1; “*Estou muito satisfeito(a) com a minha vida*”, item nº 7) que compõem um único fator, e as opções de resposta variam numa escala de tipo Likert de 7 pontos (1, *fortemente em desacordo*; 2, *em desacordo*; 3, *levemente em desacordo*; 4, *nem de acordo nem em desacordo*; 5, *levemente de acordo*; 6, *de acordo*; 7, *fortemente de acordo*) (Anexo B).

Pontuações mais altas indicam uma maior satisfação com a vida. A consistência interna quer na versão portuguesa original (Neto, 1993) quer no presente estudo revelou-se adequada ($\alpha = .78$ e $\alpha = .74$, respetivamente).

Child-Behavior Checklist (CBCL) 6-18

A CBCL 6-18 (Achenbach, 2001; versão portuguesa de Gonçalves, Dias & Machado, 2007) permite a avaliação das seguintes dimensões do comportamento das crianças e adolescentes: ansiedade/depressão, comportamento agressivo, comportamento delinvente, isolamento, problemas de atenção, problemas de hiperatividade e défice de atenção, problemas de pensamento, problemas sociais e queixas somáticas. O questionário é composto por 120 itens, cada um dos quais de descrição de problemas/comportamentos da criança/adolescente relativo aos últimos seis meses, distribuídos em oito escalas de avaliação. Para o presente estudo, apenas foram consideradas as (três) escalas relativas aos problemas de internalização e as (duas) escalas relativas aos problemas de externalização refletidas em 112 itens. Deste modo, a escala de Internalização integra as escalas Ansiedade/Depressão (e.g., ‘*É infeliz, triste ou deprimido(a)*’, item nº 103’), Isolamento (e.g., ‘*Gosta mais de estar sozinho(a) do que acompanhado(a)*’, item nº 42’) e Queixas Somáticas (e.g., ‘*Dores de estômago ou cólicas*’, item nº 56 f) e, a escala de Externalização integra as escalas Comportamento Agressivo (e.g., ‘*Agride fisicamente outras pessoas*’, item nº 57) e Comportamento Delinvente (e.g., ‘*Comete atos de vandalismo*’, item nº 106).

No presente estudo, o questionário foi preenchido por um dos progenitores de cada criança/adolescente, numa escala de 0 a 2, caso fossem considerados ‘*nada verdadeiros (0)*’, ‘*de alguma forma ou algumas vezes verdadeiros (1)*’ ou ‘*muito verdadeiros (2)*’. Quanto maior a pontuação, mais problemas de comportamento (de internalização e de externalização) indicados. A consistência interna na versão original apresentava valores muito bons de internalização ($\alpha = .85$) e externalização ($\alpha = .88$) (Achenbach et al., 2014) e, no presente estudo, apresenta os valores $.80$ ($\alpha_{\text{Internalização}}$) e $.91$ ($\alpha_{\text{Externalização}}$).

COMUNICAÇÃO PAIS-FILHOS E AJUSTAMENTO PSICOLÓGICO

Questionário de Avaliação do Mau Trato e Negligência (QAMTN)

O QAMTN (Calheiros, 2006) é uma medida de avaliação contínua das situações associadas aos atos parentais abusivos e às consequências destes para a criança (Calheiros, 1998). Este questionário aborda de uma forma multidimensional o constructo do mau trato e da negligência através da avaliação da frequência e da gravidade de 21 itens, organizados em cinco dimensões de parentalidade abusiva: (1) abuso sexual (um item); (2) mau trato físico (dois itens: interação física agressiva e métodos de violência física); (3) mau trato psicológico (oito itens: ambiente familiar, relação com as figuras de vinculação, padrões de avaliação, interação verbal agressiva, autonomia apropriada à idade, métodos de disciplina coercivos/punitivos, desenvolvimento sociomoral e acompanhamento escolar); (4) negligência física (provisão) (seis itens: higiene, vestuário, habitação, acompanhamento da saúde física, acompanhamento da saúde mental, alimentação) e (5) negligência (supervisão) (quatro itens: supervisão, segurança no meio, acompanhamento alternativo da criança, necessidades de desenvolvimento). A investigação na qual está enquadrado o presente estudo apenas avalia a gravidade destes constructos numa escala crescente de 0 a 5 (0, *desconhecido*; 1, *nunca*; 2, *uma vez/muito raramente*; 3, *algumas vezes*; 4, *frequentemente*; 5, *muitas vezes/situação corrente*).

A utilização deste questionário, neste estudo, visou recolher informações de carácter sociodemográfico das crianças e adolescentes sinalizados às CPCJ e, deste modo, aplicado unicamente ao grupo sinalizado. O questionário foi preenchido pelos técnicos da respetiva CPCJ ou pela assistente de investigação enquanto estagiária de uma das CPCJ.

Procedimento

A investigação na qual está enquadrado o presente estudo encontra-se aprovada pela Comissão de Ética do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa. Os participantes foram recrutados presencialmente, nas instalações das CPCJ (GS) e em contexto escolar (GNS), após as devidas autorizações das instituições (e.g., CPCJ, Estabelecimentos de Ensino). Foi previamente solicitada, por correio eletrónico, a colaboração das Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ) e da Direção dos Agrupamentos de Escolas, no qual era explicado

CRIANÇAS E ADOLESCENTES SINALIZADOS E NÃO SINALIZADOS À CPCJ

brevemente o estudo, os seus objetivos, assim como os procedimentos necessários à sua realização/recolha de dados.

No grupo sinalizado (GS), após obtida a aprovação por parte das CPCJ e, numa sala cedida pela instituição, foi primeiramente apresentado o estudo (e.g., indicação dos principais objetivos e descrição do procedimento de recolha dos dados) às figuras parentais e prestados os esclarecimentos necessários acerca do carácter voluntário, confidencial e científico (i.e., utilização dos dados recolhidos apenas para fins de investigação). Posteriormente foi solicitada a autorização para a sua participação e a do/da seu/sua filho/filha, assim como apresentada e assinada a declaração de consentimento informado pelos pais que consentiram participar no estudo. Quando prestado esse consentimento, as figuras parentais receberam as devidas instruções para o preenchimento do protocolo cuja aplicação rondou os 30 minutos. Os questionários eram, no final, devolvidos diretamente à assistente de investigação ou à investigadora principal.

Seguidamente foi realizado o mesmo procedimento (i.e., apresentação do estudo, esclarecimento quanto ao cariz voluntário, anónimo e confidencial dos dados recolhidos) com as crianças e adolescentes. De igual modo, após ter sido prestado o consentimento informado, foram dadas as devidas instruções para o preenchimento do protocolo cuja aplicação rondou também os 30 minutos. Os questionários foram igualmente devolvidos no final diretamente à assistente de investigação ou à investigadora principal.

No grupo não sinalizado (GNS), após obtida a respetiva autorização por parte das Direções dos Agrupamentos de Escolas, contactaram-se os pais por intermédio dos seus filhos, através da distribuição de envelopes aos alunos da faixa etária pretendida (dos oito aos 16 anos), num dia previamente agendado com os Diretores de Turma. Cada envelope continha a apresentação do estudo, onde eram indicados os principais objetivos, descrito o procedimento de recolha dos dados e esclarecido o carácter voluntário, confidencial e científico (i.e., utilização dos dados recolhidos apenas para fins de investigação). Posteriormente era solicitada a sua participação bem como a autorização da participação do/da seu/sua filho/filha, por meio de uma declaração de consentimento informado. De modo a clarificar eventuais dúvidas que pudessem surgir, antes de assinarem o consentimento informado, era fornecido o contato do investigador principal. Cada envelope continha também o protocolo, com as

COMUNICAÇÃO PAIS-FILHOS E AJUSTAMENTO PSICOLÓGICO

respetivas instruções. A declaração de consentimento informado e os questionários preenchidos foram entregues pelo diretor de turma às crianças/adolescentes num envelope selado, para fornecerem a cada família e eram posteriormente devolvidos à assistente de investigação no dia planeado para a recolha de dados das crianças/adolescentes. Os dados das crianças e dos adolescentes foram recolhidos em contexto de sala de aula por aplicação coletiva dos instrumentos no início de um bloco de aulas, após agendamento prévio com os diretores de turma. As aplicações tiveram uma duração média de 30 minutos. No caso das crianças mais pequenas (oito a 10 anos) os itens do questionário foram lidos, um a um, em voz alta.

Análise dos Dados

Os dados foram analisados em função dos objetivos propostos. Em primeiro lugar, foi analisada a adaptação e validação da versão portuguesa da PACS e, posteriormente, a relação entre a comunicação pais-filhos e o ajustamento psicológico.

Para a adaptação e validação da versão portuguesa da PACS procurou-se identificar, primeiramente, se todos os participantes ($N = 186$) haviam preenchido ambas as versões da PACS. Após observação de que um participante não havia preenchido a versão da escala relativa à comunicação com a mãe e 11 participantes não haviam preenchido a versão da escala relativa à comunicação com o pai, estes participantes foram excluídos das análises de validação da respetiva versão da PACS ($N_{mãe} = 185$; $N_{pai} = 175$). Seguidamente, a análise dos dados omissos (*missing value analysis*) em cada uma das versões da escala revelou baixos valores em falta (Widaman, 2006) quer na versão da comunicação com a mãe (entre .5 a 2.2%) quer na versão da comunicação com o pai (entre 0 a 2.3%). A estimação dos *missings*, na versão da escala para a mãe (*Test Little's MCAR*: $\chi^2 = 237.365$; $gl = 241$; $p = .55$) e na versão da escala para o pai (*Test Little's MCAR*: $\chi^2 = 309.364$; $gl = 278$; $p = .10$), levou-nos a concluir que os valores em falta eram completamente aleatórios (Ullman, 2001). Logo, para cada versão da PACS, foi utilizado o algoritmo *expectation maximization* para tratar os dados ausentes, com recurso a toda a informação disponível a partir das observações sobre as demais variáveis.

CRIANÇAS E ADOLESCENTES SINALIZADOS E NÃO SINALIZADOS À CPCJ

De seguida, foi efetuada uma análise descritiva dos itens de ambas as versões da escala (comunicação com a mãe, comunicação com o pai). Recorrendo ao *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS, versão 23) tiveram-se em conta os valores da média (M), do desvio padrão (DP) e do coeficiente de variação ($CV = \text{média}/\text{desvio padrão}$).

Após esta análise descritiva, procedeu-se à validação de ambas as versões (mãe, pai) da PACS através da avaliação da validade do constructo, da validade concorrente e da análise da sua sensibilidade, na amostra portuguesa. A avaliação da validade do constructo da PACS foi realizada por meio de uma Análise Fatorial Confirmatória (AFC) e pela análise da sua fiabilidade. A AFC foi realizada para ambas as versões (comunicação com a mãe, comunicação com o pai) com vista a testar se a adaptação portuguesa se ajustava ao modelo original de dois fatores de 10 itens cada (comunicação aberta, problemas de comunicação) de Barnes & Olson (1985). A fiabilidade da adaptação portuguesa da PACS foi analisada através do cálculo do *Alfa de Cronbach* (α).

No seguimento, com vista à análise da validade concorrente da adaptação portuguesa da PACS, as dimensões (abertura comunicacional, problemas de comunicação) de ambas as versões da escala (comunicação com a mãe, comunicação com o pai) foram correlacionadas com a Escala de Satisfação com a Vida (ESV).

Finalmente, para a análise da sensibilidade da adaptação portuguesa da PACS, foram explorados os dados em função do sexo e da idade das crianças e adolescentes. A sensibilidade da PACS relativamente a potenciais diferenças de sexo foi analisada, através de um teste t para duas amostras independentes a fim de se verificar se as raparigas percecionavam as dimensões da comunicação de forma diferente aos rapazes, em ambas as versões da PACS. A sensibilidade da PACS relativamente a potenciais diferenças de idade foi analisada, com base nas correlações significativas entre a idade das crianças e adolescentes e as dimensões da comunicação, em ambas as versões da PACS.

Para a análise da relação entre a comunicação pais-filhos e o ajustamento psicológico de crianças e adolescentes sinalizados e não sinalizados à CPCJ identificou-se, primeiramente, a proporção de dados omissos (*missings*) relativos a estas dimensões que se revelou baixa a moderada (entre 0 a 23.7%) (Widaman, 2006). A estimação dos *missings* (*Test Little's MCAR*: $\chi^2 = 217.77$; $gl = 214$; $p = .42$) levou-nos a concluir que os valores em

COMUNICAÇÃO PAIS-FILHOS E AJUSTAMENTO PSICOLÓGICO

falta eram completamente aleatórios (Ullman, 2001). Logo, foi utilizado o algoritmo *maximization estimation* para tratar os dados ausentes, recorrendo a toda a informação disponível a partir das observações sobre as demais variáveis.

De seguida, foi efetuada uma análise descritiva das dimensões da comunicação (comunicação aberta, problemas de comunicação) estabelecida com cada uma das figuras parentais (comunicação com a mãe, comunicação com o pai) e das dimensões do ajustamento psicológico (problemas de internalização, problemas de externalização). Recorrendo ao SPSS (versão 23) tiveram-se em conta os valores da média (*M*), do desvio padrão (*DP*) e do coeficiente de variação (*CV* = média/desvio padrão). Após esta análise descritiva, procedeu-se à análise entre grupos da comunicação pais-filhos e do ajustamento psicológico. A diferença de médias destas dimensões no grupo sinalizado e no grupo não sinalizado foi analisada através do teste *t* para amostras independentes.

De seguida, averiguou-se o padrão de relações entre as dimensões da comunicação pais-filhos, as dimensões do ajustamento psicológico e a idade. Para tal, foi efetuada uma análise de correlações.

Por último, foi formulado um modelo preditivo simples entre a comunicação pais-filhos e o ajustamento psicológico e um modelo preditivo de moderação da sinalização/não sinalização à CPCJ das crianças e adolescentes nessa relação, controlando-se os possíveis efeitos do sexo e da idade das crianças e dos adolescentes. Com recurso ao *Analysis of Moment Structures* (AMOS, versão 20), o teste destes modelos foi feito através de uma análise de regressão linear múltipla multivariada e de uma análise de multigrupos, respetivamente.

Para a avaliação da qualidade do ajustamento dos modelos, considerámos algumas medidas e respetivos critérios (Schermelleh-Engel, Moosbrugger, & Muller, 2003): (a) o teste do Qui-Quadrado (χ^2) de Ajustamento que será tanto menor quanto melhor for o ajustamento (Marôco, 2014); e, atendendo a que este é sensível ao tamanho da amostra, (b) o rácio entre o Qui-Quadrado e os graus de liberdade (χ^2/gf) para avaliar a adequação do modelo (Marôco, 2014; Schermelleh-Engel et al., 2003) que, para valores entre 2 e 3 é bom e, para valores entre 3 e 5, é aceitável (Arbuckle, 2011; Maroco, 2014); (c) o Índice (absoluto) de Bondade do Ajustamento (GFI) que, à semelhança do (d) Índice (relativo) de Ajustamento Comparativo

(CFI), deve apresentar valores elevados para serem indicativos de um bom ajustamento dos dados (CFI, entre .95 e .97; e GFI, entre .90 e .95) (Hu & Bentler, 1999; Marôco, 2014; Schermelleh-Engel et al., 2003); e (e) o índice de discrepância populacional Raíz Quadrada Média do Erro de Aproximação (RMSEA) para valores inferiores a .05, como representativo de um muito bom ajustamento, e entre .05 e .08 como bom (Hu & Bentler, 1999; MacCallum, Browne, & Sugawara, 1996; Marôco, 2014; Schermelleh-Engel, et al., 2003; Schreiber, Nora, Stage, Barlow, & King, 2006).

Capítulo IV. Resultados

Adaptação e Validação da PACS

Análise Descritiva dos Itens

Em ambas as versões da adaptação portuguesa da PACS (comunicação com a mãe, comunicação com o pai) os itens apresentam (Quadro 4.1) um coeficiente de variação inferior a um, indicador de uma baixa dispersão dos dados em torno da média que, assim sendo, é uma boa representação dos mesmos. O item com maior média, na versão da comunicação com a mãe (PACS Mãe), foi “*Se eu estivesse com problemas, poderia contar à minha mãe*” (nº 8) ($M = 4.62$; $DP = 0.82$) e, na versão da comunicação com o pai (PACS Pai), foi “*Estou muito satisfeito(a) com a forma como o meu pai e eu conversamos*” (nº 7) ($M = 4.32$; $DP = 1.07$). O item “*A minha mãe/o meu pai insulta-me quando está zangada(o) comigo*” (nº 19) apresentou a menor média, quer na versão da comunicação com a mãe ($M = 1.78$; $DP = 1.24$), quer na versão da comunicação com o pai ($M = 1.88$; $DP = 1.29$).

Quadro 4.1

Estatística Descritiva dos Itens da PACS

Item	PACS Mãe			PACS Pai		
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>CV</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>CV</i>
1	4.30	0.99	.23	3.98	1.27	.32
2	2.59	1.58	.61	2.70	1.60	.59
3	4.54	0.84	.19	4.20	1.18	.28
4	2.63	1.48	.56	2.80	1.52	.54
5	2.70	1.58	.59	2.60	1.57	.60
6	4.03	1.24	.31	3.42	1.41	.41
7	4.46	0.94	.21	4.32	1.07	.25
8	4.62	0.82	.18	4.27	1.17	.27
9	4.48	0.96	.44	4.19	1.15	.27
10	3.19	1.40	.44	3.17	1.37	.43
11	4.28	0.99	.23	4.20	1.16	.28
12	2.93	1.48	.51	2.79	1.47	.53
13	4.52	0.78	.17	4.25	1.15	.27
14	4.39	0.91	.21	4.11	1.16	.28
15	3.45	1.49	.43	3.38	1.47	.43
16	3.64	1.37	.38	3.45	1.38	.40
17	3.88	1.25	.32	3.56	1.34	.38
18	2.59	1.44	.56	2.54	1.46	.57
19	1.78	1.24	.70	1.88	1.29	.69
20	2.89	1.49	.52	2.77	1.44	.52

Nota. $N = 186$

$M =$ Média; $DP =$ Desvio Padrão; $CV =$ Coeficiente de Variação ($CV = DP/M$)

Validade de Constructo

Os resultados da Análise Fatorial Confirmatória (AFC) revelam um valor elevado e estatisticamente significativo do χ^2 , quer na versão da comunicação com a mãe [$\chi^2_{(151)} = 224.97, p < .001$], quer na versão da comunicação com o pai [$\chi^2_{(150)} = 275.152, p < .001$]. No entanto, como o χ^2 é extremamente sensível à dimensão da amostra (Schumacker & Lomax, 1996), recorreremos a outros índices (CFI, GFI, RMSEA, IC90%), para perceber melhor a qualidade do modelo em questão. Com os valores encontrados, quer na versão da comunicação com a mãe (CFI = .91; GFI = .88; RMSEA = .05; IC 90% [.04, .07]) (Anexo C) quer na versão da comunicação com o pai (CFI = .90; GFI = .86; RMSEA = .07; IC 90% [.06, .08]) (Anexo D), verifica-se, como esperado (H1), um bom ajustamento do modelo, em ambas as versões da adaptação portuguesa da PACS. É de realçar que o item 11 (*'Tenho cuidado com o que digo à minha mãe/pai'*), à semelhança do que havia acontecido aquando da validação da versão argentina da PACS (Schmidt et al., 2008), foi retirado do modelo das duas versões da adaptação portuguesa da escala por apresentar um peso fatorial abaixo de [.30]. Os restantes itens apresentam um peso fatorial superior a .40 e com correlações moderadas significativas, sugerindo uma boa validade convergente e discriminante, respetivamente (Brown, 2006).

Foi analisada a fiabilidade da adaptação portuguesa da PACS pelo cálculo do Alfa de Cronbach (α). A consistência interna apresenta bons valores para ambas as dimensões, comunicação aberta (CA) e problemas de comunicação (PC), quer na versão da comunicação com a mãe ($\alpha_{CA} = .83$ e $\alpha_{PC} = .77$) quer na versão da comunicação com o pai ($\alpha_{CA} = .91$; e $\alpha_{PC} = .73$).

Validade Concorrente

Os resultados da correlação entre as dimensões da adaptação portuguesa da PACS (comunicação aberta, problemas de comunicação) de ambas as versões da escala (comunicação com a mãe, comunicação com o pai) e a Escala de Satisfação com a Vida (ESV) revelam que, conforme esperado (H2), uma comunicação aberta, estabelecida quer com a mãe ($r = .51; p < .001$) quer com o pai ($r = .48; p < .001$), encontra-se positiva e significativamente associada, ainda que moderadamente, com a satisfação com a vida das

COMUNICAÇÃO PAIS-FILHOS E AJUSTAMENTO PSICOLÓGICO

crianças e adolescentes. Estes resultados suportam a validade concorrente da adaptação portuguesa da PACS.

Análise da Sensibilidade

Sexo das Crianças e Adolescentes. Os resultados do teste t para duas amostras independentes revelam que não se observam diferenças significativas, em nenhuma das dimensões da comunicação, em ambas as versões da adaptação portuguesa da PACS, relativamente ao sexo das crianças e adolescentes (Quadro 4.2). Contrariamente ao esperado (H3), as raparigas não percebem de forma diferente a comunicação estabelecida com as figuras parentais, comparativamente aos rapazes.

Quadro 4.2

Comunicação Pais-Filhos em função do Sexo das Crianças/Adolescentes

		Sexo	N	M	DP	$t_{(gl)}$	p
PACS Mãe	Comunicação Aberta	Feminino	101	42.65	6.50	-.47 ₍₁₈₃₎	.64
		Masculino	84	43.10	6.31		
	Problemas de Comunicação	Feminino	101	24.94	7.99	.37 ₍₁₈₃₎	.71
		Masculino	84	24.52	7.58		
PACS Pai	Comunicação Aberta	Feminino	95	39.28	8.62	-.74 ₍₁₇₃₎	.46
		Masculino	80	40.30	9.58		
	Problemas de Comunicação	Feminino	95	25.60	7.34	1.86 ₍₁₇₃₎	.07
		Masculino	80	23.53	7.35		

Nota. $N_{mãe} = 185$; $N_{pai} = 175$.

$M = Média$; $DP = Desvio Padrão$; $t_{(gl)} =$ teste $t_{(graus\ de\ liberdade)}$

Idade das Crianças e Adolescentes. Da análise das correlações entre a idade das crianças e adolescentes e as dimensões da comunicação em ambas as versões da adaptação portuguesa da PACS (Quadro 4.3), encontram-se diferenças significativas entre a idade e a comunicação, conforme esperado (H4). Observa-se uma correlação negativa significativa entre a idade e a comunicação aberta com a mãe ($r = -.17$; $p < .05$) e com o pai ($r = -.31$; $p < .01$), e entre a idade e os problemas de comunicação com a mãe ($r = -.19$; $p < .01$). Ou seja, quanto maior a idade do filho, menos comunicação aberta, quer com a mãe, quer com o pai, e menos problemas de comunicação com a mãe.

Quadro 4.3

Comunicação Pais-Filhos em função da Idade das Crianças/Adolescentes

Idade da Criança/Adolescente	Comunicação Aberta		Problemas de Comunicação	
	PACS Mãe	PACS Pai	PACS Mãe	PACS Pai
			-.17*	-.19**
			-.31**	-.08

Nota. $N_{mãe} = 185$; $N_{pai} = 175$.* $p < .05$; ** $p < .01$

Comunicação Pais-filhos e Ajustamento Psicológico das Crianças e Adolescentes

Análise Descritiva das Dimensões

As dimensões da comunicação (comunicação aberta, problemas de comunicação) estabelecida com cada uma das figuras parentais (comunicação com a mãe, comunicação com o pai) e as dimensões do ajustamento psicológico (problemas de internalização, problemas de externalização) apresentam (Quadro 4.4), à exceção da dimensão do ajustamento psicológico relativa aos problemas de externalização, um coeficiente de variação inferior a um, indicador de uma baixa dispersão dos dados em torno da média que, assim sendo, é uma boa representação dos mesmos. A comunicação aberta é, em média, maior que os problemas na comunicação estabelecida quer com a mãe ($M = 42.89$; $DP = 6.49$) quer com o pai ($M = 39.97$; $DP = 9.16$). Quanto ao ajustamento psicológico, os problemas de internalização são, em média, superiores aos problemas de externalização ($M = 9.96$; $DP = 6.96$).

Quadro 4.4

Estatística Descritiva da Comunicação Pais-Filhos e do Ajustamento Psicológico

Dimensões		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>CV</i>
Comunicação com a Mãe	Comunicação Aberta	42.89	6.49	.15
	Problemas de Comunicação	24.68	7.85	.32
Comunicação com o Pai	Comunicação Aberta	39.87	9.16	.23
	Problemas de Comunicação	24.34	7.38	.30
Ajustamento Psicológico	Problemas de Internalização	9.96	6.96	.70
	Problemas de Externalização	8.15	8.25	1.01

Nota. $N = 186$ $M =$ Média; $DP =$ Desvio Padrão; $CV =$ Coeficiente de Variação ($CV = DP/M$)

Os resultados do teste t para amostras independentes (Quadro 4.5) demonstram diferenças significativas, ao nível da comunicação e do ajustamento psicológico, em ambos os grupos. Ou seja, no grupo sinalizado e no grupo não sinalizado, as dimensões referentes à comunicação aberta, problemas de internalização e problemas de externalização são

COMUNICAÇÃO PAIS-FILHOS E AJUSTAMENTO PSICOLÓGICO

significativamente diferentes. Enquanto a comunicação aberta com o pai é significativamente maior no grupo não sinalizado ($t_{(184)} = -2.89$; $p = .004$; $M = 41.48$; $DP = 6.82$), os problemas de internalização ($t_{(184)} = 3.20$; $p = .002$; $M = 11.29$; $DP = 6.88$) e os problemas de externalização ($t_{(184)} = 5.06$; $p < .001$; $M = 10.79$; $DP = 8.70$) são significativamente maiores no grupo sinalizado.

Quadro 4.5

Comunicação Pais-Filhos e Ajustamento Psicológico no Grupo Sinalizado (GS) e no Grupo Não Sinalizado (GNS)

			<i>M</i>	<i>DP</i>	$t_{(gl)}$	<i>p</i>
Comunicação com a Mãe	Comunicação Aberta	GS	42.69	7.04	-.28 ₍₁₈₄₎	.78
		GNS	42.94	5.60		
	Problemas de Comunicação	GS	24.68	7.91	-.017 ₍₁₈₄₎	.86
		GNS	24.87	7.48		
Comunicação com o Pai	Comunicação Aberta	GS	37.83	10.20	-2,89 ₍₁₈₄₎	.004**
		GNS	41.48	6.82		
	Problemas de Comunicação	GS	24.56	7.48	-.003 ₍₁₈₄₎	.98
		GNS	24.59	6.95		
Ajustamento Psicológico	Problemas de Internalização	GS	11.29	6.88	3,20 ₍₁₈₄₎	.002**
		GNS	8.47	5.10		
	Problemas de Externalização	GS	10.79	8.70	5.06 ₍₁₈₄₎	.001**
		GNS	5.68	4.69		

Nota. $N_{Total} = 186$; $N_{GS} = 88$; $N_{GNS} = 98$.

M = Média; *DP* = Desvio Padrão; $t_{(gl)}$ = teste $t_{(graus\ de\ liberdade)}$

** $p < .01$

Análise Correlacional

Da análise das correlações entre a comunicação pais-filhos e o ajustamento psicológico (Quadro 4.6), observa-se que a comunicação aberta com a mãe apresenta uma correlação negativa significativa com os problemas de comunicação com a mãe ($r = -.37$; $p < .01$) e uma correlação positiva significativa com a comunicação aberta com o pai ($r = .33$; $p < .01$). Ou seja, quanto mais comunicação aberta com a mãe, menos problemas de comunicação com esta e mais comunicação aberta com o pai. A comunicação aberta com o pai apresenta uma correlação negativa significativa com os problemas de comunicação com pai ($r = -.45$; $p < .01$) na medida em que quanto mais comunicação aberta com o pai, menos problemas de comunicação com este. Os problemas de comunicação com a mãe apresentam uma correlação positiva significativa com os problemas de comunicação com o pai ($r = .63$; $p < .01$) bem

CRIANÇAS E ADOLESCENTES SINALIZADOS E NÃO SINALIZADOS À CPCJ

como com os problemas de internalização ($r = .21$; $p < .01$) e de externalização ($r = .23$; $p < .01$), isto é, quanto mais problemas de comunicação com a mãe, mais problemas de comunicação com o pai e mais problemas de ajustamento psicológico, quer de internalização quer de externalização. Finalmente, os problemas de internalização apresentam uma correlação positiva significativa com os problemas de externalização ($r = -.61$; $p < .01$), isto é, quanto mais problemas de internalização mais problemas de externalização.

Relativamente à idade das crianças e adolescentes, observa-se (Quadro 4.6) uma correlação negativa significativa com a comunicação aberta com a mãe ($r = -.16$; $p < .05$) e com o pai ($r = -.30$; $p < .05$), e com os problemas de comunicação com a mãe ($r = -.17$; $p < .05$). Ou seja, quanto mais idade do filho, menos comunicação aberta, quer com a mãe, quer com o pai, e menos problemas de comunicação com a mãe.

Quadro 4.6

Correlações entre a Comunicação Pais-Filhos, o Ajustamento Psicológico e a Idade

	2	3	4	5	6	7
Comunicação1. Comunicação Aberta com a Mãe	-.37**	.33**	-.08	-.14	-.04	-.16*
2. Problemas de Comunicação		-.05	.63**	.21**	.23**	-.17*
Comunicação3. Comunicação Aberta com o Pai			-.45**	-.06	-.06	-.30**
4. Problemas de Comunicação				.08	.09	-.08
Ajustamento Psicológico 5. Problemas de Internalização					.61**	.13
6. Problemas de Externalização						.09
7. Idade da Criança/Adolescente						

Nota. $N = 186$

* $p < .05$; ** $p < .01$

Modelo de Predição

Foi formulado um modelo preditivo entre a comunicação pais-filhos e o ajustamento psicológico, controlando-se os possíveis efeitos da idade das crianças e dos adolescentes. Ainda que inicialmente pretendessemos controlar igualmente o sexo destes participantes, dada a ausência de diferenças significativas observadas aquando da análise da sensibilidade da adaptação portuguesa da PACS, esta variável não foi controlada.

Este modelo com todos os participantes ($N = 186$) revelou muito bons índices de ajustamento ($\chi^2 = 8.71$; $\chi^2/gl = 2.18$, $p = .07$; CFI = .99, GFI = .99, RMSEA = .08; IC 90% [.00, .15]). O teste deste modelo, por meio de uma regressão linear multivariada, permitiu observar que (Figura 4.3), conforme esperado (H5), a comunicação aberta com o pai prediz

COMUNICAÇÃO PAIS-FILHOS E AJUSTAMENTO PSICOLÓGICO

menos problemas de externalização ($B = -.17; p = .046$); e, contrariamente a uma parte do que era esperado (H5), a abertura comunicacional com a mãe prediz mais problemas de externalização ($B = .25; p < .001$). Mais se observou que, conforme igualmente esperado (H6), os problemas na comunicação com a mãe predizem níveis mais elevados de problemas de internalização ($B = .25; p = .021$) e de externalização ($B = .49; p < .001$) e, contrariamente a uma parte do que era esperado (H6), os problemas na comunicação com o pai predizem menos problemas de externalização ($B = -.31; p = .015$).

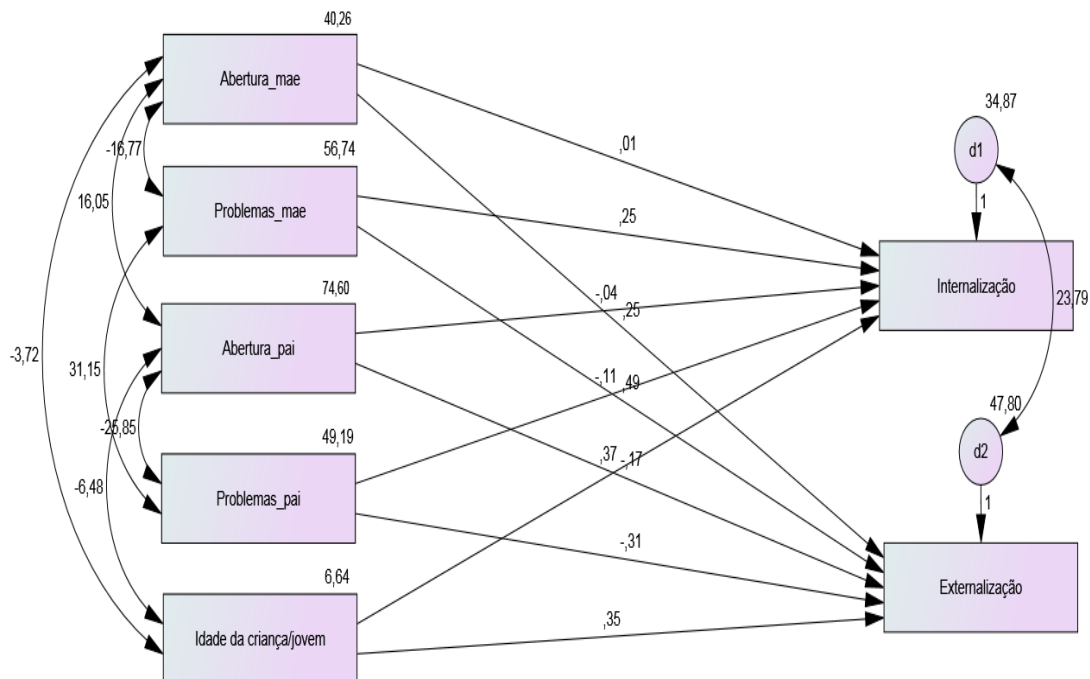


Figura 4.3. Estimativas não estandardizadas do modelo causal que relaciona a Comunicação Pais-Filhos (mãe, pai) com o Ajustamento Psicológico de crianças e adolescentes sinalizados e não sinalizados à CPCJ.

2.3.1. Papel Moderador da Sinalização/Não Sinalização ao Sistema de Proteção de Crianças e Jovens em Risco

Podendo as relações encontradas anteriormente ser afetadas pela pertença da criança/adolescente a um grupo pautado por situações consideradas de risco pelo sistema de proteção português para a infância e juventude testou-se, por meio de uma análise multigrupos, o papel moderador da sinalização ou não sinalização destas crianças e adolescentes à CPCJ, controlando-se a idade dos participantes. Esta relação de eventual

moderação foi testada em modelos separados, um para o grupo sinalizado e outro para o grupo não sinalizado.

Os resultados revelaram um bom ajustamento do modelo não constrangido ($\chi^2 = 19.32$; $\chi^2/gl = 2.38$, $p = .02$, CFI = .98; GFI = .97, RMSEA = .09; IC 90% [.036; .137]) assim como do modelo constrangido (i.e., com os coeficientes estruturais constrangidos a serem iguais para os dois grupos) ($\chi^2 = 26.98$; $\chi^2/gl = 1.50$, $p = .08$, CFI = .98; GFI = .96; RMSEA = .05; IC 90% [.000; .090]). Foi portanto verificada a invariância do modelo de medição ($\chi^2_{diff(10)} = 7.95$; $p = .63$). Ou seja, não havendo diferenças significativas entre o ajustamento do modelo livre e o do modelo com os coeficientes estruturais constrangidos a serem iguais no grupo sinalizado e no grupo não sinalizado, não se verifica moderação significativa da sinalização, conforme esperado (H7 e H8). No entanto, a análise dos coeficientes estruturais de ambos os grupos (GS e GNS) revela diferenças nos efeitos encontrados. Por um lado, no grupo sinalizado os problemas de comunicação com a mãe predizem mais problemas de internalização ($B = .30$; $p = .03$) e mais problemas de externalização ($B = .40$; $p = .02$). Por outro lado, no grupo não sinalizado, os problemas de comunicação com o pai predizem menos problemas de externalização ($B = -.31$; $p = .03$), a comunicação aberta com a mãe prediz menos problemas de internalização ($B = -.27$; $p = .04$) e os problemas de comunicação com a mãe predizem mais problemas de externalização ($B = .51$; $p < .001$).

Capítulo V. Discussão

O presente trabalho teve como primeiro objectivo adaptar e validar, numa amostra portuguesa, a Parent-Adolescent Communication Scale (PACS; Barnes & Olson, 1985). Esta escala, amplamente utilizada a nível internacional, acede às perceções de crianças e adolescentes relativamente à comunicação aberta e aos problemas de comunicação estabelecidos com as figuras parentais. Concretamente pretendia-se avaliar a validade de constructo e a validade concorrente da adaptação portuguesa da PACS e analisar a sua sensibilidade.

Os resultados revelaram um bom ajustamento da adaptação portuguesa da PACS, quer para a versão da comunicação com a mãe quer para a versão da comunicação com o pai, e confirmaram a estrutura fatorial originalmente proposta. A escala apresentou também boa consistência interna nas duas dimensões de comunicação para cada versão. Os resultados obtidos com uma amostra de 186 crianças e adolescentes sinalizados e não sinalizados à CPCJ permitem concluir que a adaptação portuguesa da PACS apresenta boas qualidades psicométricas ao nível da sua validade fatorial e fiabilidade, suportando assim a validade do constructo de comunicação pais-filhos e sugerindo a adaptação portuguesa da PACS como uma medida válida desse constructo (H1 confirmada).

Decorrente do primeiro objetivo, foi também analisada a validade concorrente com a Escala de Satisfação com a Vida (ESV, adaptado de Diener et al., por Neto, 1993). Os resultados desta análise suportam a validade concorrente da adaptação portuguesa da PACS (H2 confirmada) na medida em que corroboram a evidência de que uma comunicação aberta estabelecida com as figuras parentais encontra-se positivamente associada com a satisfação com a vida das crianças e adolescentes sinalizados e não sinalizados à CPCJ (Cava et al., 2014; Levin et al., 2012).

Finalmente, foi analisada a sensibilidade da adaptação portuguesa da PACS por exploração dos dados em função do sexo e da idade das crianças e adolescentes sinalizados e não sinalizados à CPCJ. A análise realizada para verificar eventuais diferenças nas dimensões de comunicação em função do sexo não permitiram confirmar a replicação dos resultados observados no estudo da escala original (Barnes & Olson, 1985) e em outros estudos (e.g., Bumpus & Hill, 2008; De Goede et al., 2009; Keijsers & Poulin, 2013; McNaughton, 2000;)

dado que não se observaram diferenças significativas em nenhuma das dimensões da comunicação para com nenhuma das figuras parentais, em função do sexo dos filhos. A escala não se mostrou sensível às diferenças de sexo (H3 não confirmada). Estes resultados contrariam a investigação que suporta que as raparigas estabelecem uma comunicação significativamente mais aberta e menos problemática com as figuras parentais (e.g., Bumpus & Hill, 2008; De Goede et al., 2009; Keijsers & Poulin, 2013; McNaughton, 2000). Para além disso, e considerando que os estilos comunicacionais variam em função do sexo do progenitor (Barnes & Olson, 1985; Jiménez & Delgado, 2002), os resultados parecem também refutar o papel preferencial atribuído à mãe na comunicação entre pais e filhos (e.g., Barnes & Olson, 1985; Jackson et al., 1998; Jiménez & Delgado, 2002; Lanz et al., 1999; McNaughton, 2000). Deste modo estes resultados parecem contribuir para a reflexão quanto ao progressivo envolvimento da figura paterna nas atividades e interações com os filhos na medida em que uma comunicação harmoniosa entre pai e filhos, marcada por um tom emocional positivo, parece ser facilitada por uma maior participação do pai nos cuidados à criança (e.g., Monteiro, Veríssimo, Santos, & Vaughn, 2008).

Relativamente às análises realizadas para verificar eventuais diferenças nas dimensões de comunicação em função da idade, os resultados vão de encontro ao esperado de que, face ao processo de autonomia e independência que caracteriza o desenvolvimento das crianças e adolescentes, quanto maior a idade do filho (e.g., adolescentes vs. crianças), menor comunicação aberta quer com a mãe quer com o pai (H4 confirmada). Ainda que, contrariamente ao esperado, quanto maior a idade do filho (e.g., adolescentes vs. crianças), menores os problemas de comunicação com a mãe, a PACS mostrou-se sensível às diferenças de idade.

Com base na evidência empírica acerca da relação entre a comunicação pais-filhos e vários aspetos do ajustamento psicológico das crianças e adolescentes, pretendeu-se também analisar a relação entre as dimensões da PACS e os problemas de comportamentos de internalização e de externalização percebidos pelos pais das crianças e adolescentes sinalizados e não sinalizados à CPCJ. Foram encontradas diferenças em ambos os grupos, quer ao nível da comunicação aberta com o pai que era significativamente maior no grupo não sinalizado, quer ao nível dos problemas de internalização e dos problemas de externalização

COMUNICAÇÃO PAIS-FILHOS E AJUSTAMENTO PSICOLÓGICO

que eram significativamente maiores no grupo sinalizado. Foi ainda observado que quanto mais comunicação aberta com a mãe, menos problemas de comunicação com esta e mais comunicação aberta com o pai; e quanto mais comunicação aberta com o pai, menos problemas de comunicação com este; e, para além disso, quanto mais problemas de comunicação com a mãe, mais problemas de comunicação com o pai e mais problemas de ajustamento psicológico, quer de internalização quer de externalização e, finalmente, quanto mais problemas de internalização mais problemas de externalização.

No seguimento destes resultados, formulou-se um modelo preditivo entre a comunicação pais-filhos e o ajustamento psicológico e, posteriormente, testou-se o papel moderador da sinalização/não sinalização à CPCJ na relação entre a comunicação pais-filhos e o ajustamento psicológico, controlando a idade das crianças e adolescentes. Os resultados revelaram um ajustamento muito bom de ambos os modelos (i.e., modelo preditivo simples e modelo de moderação). O teste do modelo preditivo simples revelou que a comunicação aberta estabelecida com as figuras parentais prediz efetivamente menos problemas de externalização (e.g., Meschke & Juang, 2014; Zhiwen, Xiaoming, & Stanton, 2011), apenas na comunicação estabelecida com o pai; e que os problemas de comunicação com as figuras parentais predizem mais problemas de externalização e de internalização (Xiao et al., 2010), apenas na comunicação com a mãe (H6 confirmada). No entanto, embora se tenham verificado relações significativas ao nível dos grupos, não se verificou moderação significativa da sinalização (H7 e H8 não confirmadas) na relação entre a comunicação pais-filhos e o ajustamento psicológico. Ou seja, o facto das crianças e adolescentes estarem ou não sinalizados à CPCJ não afeta a relação entre a comunicação pais-filhos e o ajustamento psicológico.

Esta investigação apresenta, porém, algumas limitações. Quanto à amostra, não só o recurso a uma amostragem de conveniência diminui o seu poder de generalização (Santos, 2005) como a reduzida dimensão torna desejável que estudos futuros sobre a comunicação entre pais e filhos em Portugal reúnam amostras de maior dimensão e integrem participantes de outras áreas geográficas. De igual forma, o facto de a amostra contemplar apenas a perspectiva de crianças e adolescentes entre os oito e os 16 anos, implica que a generalização dos resultados a famílias com filhos de outra faixa etária deva ser realizada com cautela.

CRIANÇAS E ADOLESCENTES SINALIZADOS E NÃO SINALIZADOS À CPCJ

Relativamente aos instrumentos, dado incluírem medidas de autorrelato, são suscetíveis à desajustabilidade social (Morsbach & Prinz, 2006). Em estudos futuros seria importante considerar, relativamente à comunicação pais-filhos, não só a perceção dos filhos mas também a perceção das figuras parentais; e quanto ao ajustamento psicológico, a concordância da perceção de ambos os progenitores.

Apesar das limitações existentes, este estudo prima por constituir-se uma primeira adaptação da PACS à população portuguesa, proporcionando um contributo ao nível da avaliação da comunicação pais-filhos em Portugal. O facto dos resultados do presente estudo evidenciarem a adequação da estrutura proposta da PACS sobre a perceção da comunicação dos filhos com ambas as figuras parentais numa amostra portuguesa permite, por um lado, a comparação entre a comunicação estabelecida com os pais e a comunicação estabelecida com as mães e, por outro lado, a discriminação de duas dimensões distintas da comunicação (comunicação aberta, problemas de comunicação), possibilitando a avaliação do seu impacto em várias áreas do funcionamento familiar e do desenvolvimento da criança e do adolescente. Ao nível da intervenção com famílias (e.g., a terapia familiar que opta por estudar a relação entre os diversos membros da família através da análise da sua comunicação), esta comparação possibilita não só a identificação de diferenças entre os contributos que ambos os progenitores dão para a comunicação familiar, mas também o reconhecimento das dimensões da comunicação que necessitam de ser trabalhadas, de forma distinta, com o pai e com a mãe.

A existência de uma escala em português de avaliação da comunicação entre pais e filhos, ao permitir um melhor conhecimento das dinâmicas de comunicação das famílias portuguesas, facilitará assim o estudo da população geral e de populações consideradas de risco pelas suas características (e.g., com crianças e jovens sinalizados a um sistema de proteção).

Referências Bibliográficas

- Achenbach, T. M. (2001). *Manual for ASEBA School-Age Forms & Profiles*. Burlington, VT: University of Vermont.
- Achenbach, T. M., Rescorla, L. A., Dias, P., Ramalho, V., Lima, V., Machado, B., & Gonçalves, M. (2014). *Manual do Sistema de Avaliação Empiricamente Validado (ASEBA) para o Período Pré-Escolar e Escolar*. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Alarcão, M. (2006). *(Des)equilíbrios familiares: Uma visão sistémica*. (3ª edição). Lisboa: Quarteto.
- Alberto, I. (2008). Maltrato Infantil: Entre um destino e uma história. In A. Matos et al. (Eds.). *A Maldade Humana*. Coimbra: Almedina
- Allué, F. (2011). El adolescente sin atributos. La construcción de la identidad en un mundo complejo. In R. Pereira (Ed.), *Adolescentes en el Siglo XXI: entre impotencia, resiliencia y poder* (pp. 23-50). Madrid, España: Morata.
- Annear, K.D. & Yates, G. C. R. (2010). Restrictive and Supportive Parenting: Effects on Children's School Affect and Emotional Responses. *The Australian Educational Researcher* 37(1), 63-82.
- Arbuckle, J. (2011). *Amos 20 User's Guide*. Amos Development Corporation
- Barber, B. K., & Olsen, J. A. (1997). Socialization in context: Connection, regulation, and autonomy in the family, school, and neighborhood, and with peers. *Journal of Adolescent Research*, 12, 287-315. doi:10.1177/0743554897122008
- Barker, L. L. (1987). *Communication*. (4th ed). New Jersey: Prentice-Hall.
- Barnes, H. L., & Olson, D. H. (1982). Parent-adolescent communication scale. In D.H. Olson (Eds.), *Family inventories: Inventories used in a national survey of families across the family life cycle* (pp. 33-48). St. Paul: Family Social Science, University of Minnesota.
- Barnes, H. L., & Olson, D. H. (1985). Parent-Adolescent Communication and the Circumplex Model. *Child Development*, 56(2), 438-447.
- Baxter, L.A. (1985). Accomplishing relationship disengagement. In S.W. Duck & D. Perlman (Eds.), *Understanding personal relationships: An interdisciplinary approach* (pp. 243-266). Beverly Hills: Sage.
- Beeghly, M., & Cicchetti, D. (1994). Child maltreatment, attachment, and the self system: Emergence of an internal state lexicon in toddlers at high social risk. *Development and Psychopathology*, 6, 5-30.
- Bendayan, R., Blanca, M. J., Fernández-Baena, J. F., Escobar, M., & Trianes, M. V. (2013). New empirical evidence on the validity of the satisfaction with life scale in early adolescents. *European Journal of Psychological Assessment*, 29, 36–43. Retirado de: <http://dx.doi.org/10.1027/1015-5759/a000118>
- Bienvenu, M. J. (1971). An Interpersonal Communication Inventory. *Journal of Communication*, 21, 381-388.
- Branje, S., Hale, W., Frijns, T., & Meeus, W. (2010). Longitudinal associations between perceived parent-child relationship quality and depressive symptoms in adolescence. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 38, 751–763.
- Brown, T. A. (2006). *Confirmatory factor analysis for applied research*. New York, NY: Guilford Press.

- Bumpus, M. F., & Hill, L. G. (2008). Secrecy and parent-child communication during middle childhood: Associations with parental knowledge and child adjustment. *Parenting: Science and Practice*, 8, 93-116.
- Burgess, R. L., & Conger, R. D. (1978). Family interaction in abusive, neglectful, and normal families. *Child Development*, 49, 1163-1173.
- Cahn, D. (1996). Family violence from a communication perspective. In D. Cahn & S. Lloyd (Eds). *Family violence from a Communication perspective* (pp. 1-19). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Calheiros, M. M. (2006). *A construção social do mau trato e negligência parental: do senso-comum ao conhecimento científico*. Lisboa: FCG/FCT, Coimbra Editora.
- Carr, A. (2006). *Family therapy. concepts, process and practice* (2nd ed.). Chichester, England: John Wiley & Sons.
- Cava, M. J., Buelga, S., & Musitu, G. (2014). Parental Communication and Life Satisfaction in Adolescence. *The Spanish Journal of Psychology*, 17, E98. DOI: <http://dx.doi.org/10.1017/sjp.2014.107>
- Cerezo, M. A., D'Ocon, A., & Dolz, L. (1996). Mother-child interactive patterns in abusive families vs. Nonabusive families. An observational study. *Child Abuse and Neglect*, 20, 575-589.
- Cia, F., Pamplin, R. C. O., & Del Prette, Z. A. P. (2006). Comunicação e participação pais-filhos: correlação com habilidades sociais e problemas de comportamento dos filhos. *Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação*, 6(35), 395-406.
- Clark, R. D., & Shields, G., (1997). Family communication and delinquency. *Adolescence*, 32 (125), 81-93. Cohn, D. A., Cowan, P. A., Cowan, C. P., & Pearson, J. L. (1992). Mother's and father's working models of childhood attachment relationships: Parenting styles, and child behavior. *Development and Psychopathology*, 4, 417-431.
- Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens (2016). *Avaliação da actividade das Comissões de Proteção de Crianças e Jovens: Relatório Anual 2015*. Lisboa: Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens.
- Conte, G. B. (1986). *The rethoric of imitation: Genre and poetic memory in virgil and other latin poets* (translated and edited by Charles Segal). Ithaca and London: Cornell University Press.
- Crittenden, P. M. (1988). Distorted patterns of relationship in maltreating families: The role of internal representational models. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 6, 183-199.
- Crittenden, P.M. (1981). *Abusing, neglecting, problematic, and adequate dyads: Differentiating by patterns of interaction*. *Merrill-Palmer Quarterly*, 27, 1-18.
- De Goede, I. H. A., Branje, S. J. T., & Meeus, W. H. J. (2009). Developmental changes in adolescents' perceptions of relationships with their parents. *Journal of Youth and Adolescence*, 38, 75-88. doi: 10.1007/s1096400892867. pmid:19636793
- de Paul, J., & Arruabarrena, M. I. (1995). Behavior problems in school-aged physically abused and neglected children in Spain. *Child Abuse & Neglect*, 19(4), 409-418.

COMUNICAÇÃO PAIS-FILHOS E AJUSTAMENTO PSICOLÓGICO

- DeVore, E., & Ginsburg, K. (2005). The protective effects of good parenting on adolescents. *Current Opinion in Pediatrics*, 17, 460-465
- Diener, E., Emmons, R., Larsen, R., & Grifflins, S. (1985). The satisfaction with life scale. *Journal of Personality Assessment*, 49(1), 71-75.
- Doueck, H. S., Hideki-Ishisaka, A., Love-Sweany, S., & Gilchrist, L. D. (1987). Adolescent maltreatment: Themes from the empirical literature. *Journal of Interpersonal Violence*, 2(2), 139-153.
- Drotar, D., Eckerle, D. (1989). The family environment in non-organic failure to thrive: A controlled study. *Journal of Pediatric Psychology*, 14, 245-257.
- Eckstein, N. J. (2004). Emergent issues in families experiencing adolescent-to-parent abuse. *Western Journal of Communication*, 68(4), 365-388.
- Edwards, L. M., & Lopez, S. J. (2006). Perceived family support, acculturation, and life satisfaction in Mexican American youth: A mixed-methods exploration. *Journal of Counselling Psychology*, 53, 279-287.
- Erikson, E. H. (1963). *Childhood and society* (2nd ed.). New York, NY: Norton.
- Estévez-López, E., Musitu-Ochoa, G., & Herrero-Olaizola, J. (2005). El rol de la comunicación familiar y del ajuste escolar en la salud mental del adolescente. *Salud Mental*, 28 (4). Retirado de: <https://www.researchgate.net/publication/28229530> El rol de la comunicacion familiar y del ajuste escolar en la salud mental del adolescente
- Éthier, L. S., Lemelin, J-P & Lacharité, C. (2004). A longitudinal study of the effects of chronic maltreatment on children's behavioral and emotional problems. *Child Abuse & Neglect*, 28, 1265-1278.
- Finkenauer, C., Engels, R. C. M. E., Meeus, W. (2002). Keeping secrets from parents: Advantages and disadvantages of secrecy in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 31, 123-36. doi: 10.1007/s109640053212z
- Fiske, J. (1993/2005). *Introdução ao Estudo da Comunicação*. (9ª ed.). Lisboa: ASA Editores. (Edição original de 1993)
- Furman, W., & Buhrmester, D. (1992). Age and sex differences in perceptions of networks of personal relationships. *Child Development*, 63, 103-115. doi:10.2307/1130905
- Gleitman, H., Fridland, A. J., & Reisberg, D. (2011). *Psicologia* (9a ed). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Gonçalves, M., Dias, P., & Machado, B. C. (2007). *Questionário de Comportamentos da Criança 6-18*. Manuscrito não-publicado, Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Guilamo-Ramos, V., Jaccard, J., Dittus, P., Bouris, A. M. (2006). Parental expertise, trustworthiness, and accessibility: Parental-adolescent communication and adolescent risk behavior. *Journal of Marriage and Family*, 68, 1229-46. doi: 10.1111/j.17413737.2006.00325.x
- Hankin, B. (2006). Childhood maltreatment and Psychopathology: Prospective tests of attachment, cognitive vulnerability, and stress as mediating processes. *Cognitive Therapy and Research*, 29, 645-671.
- Hart, C. H., Olsen, S. F., Robinson, C. C., & Mandlco, B. L. (1997). The development of social and communicative competence in childhood: Review and a model of personal,

- familiar, extrafamiliar processes. *Communication Yearbook, Vol. 20*. New York: Sage Publications.
- Hartos, J. L., & Power, T. G. (2000). Association between mother and adolescent reports for assessing relations between parent-adolescent adjustment. *Journal of Youth and Adolescence, 29*(4), 441-450.
- Helliwell, J. F. (2007). Well-being and social capital: Does suicide pose a puzzle? *Social Indicators Research, 81*, 455–496.
- Herbert, M. (2004). Parenting Across the Lifespan. In M. Hoghughi & N. Long, (Eds.), *Handbook of parenting. Theory and research for practice*. London: Sage.
- Herrenkohl, E. C., Herrenkohl, R. C., & Egolf, B. P. (2003). The Psychosocial Consequences of Living Environment Instability on Maltreated Children. *American Journal of Orthopsychiatry, 73*(4), 367-380.
- Hu, L. T., & Bentler, P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling. A Multidisciplinary Journal, 6*(1), 1-55.
- Huff, C., Widmer, M., & McCoy, K. (2003). *The influence of challenging outdoor recreation on parentadolescent communication*.
- Jackson, S., Bijstra, J., Oostra, L., & Bosma, H. (1998). Adolescents' perception of communication with parents relative to specific aspects of relationship with parents and personal development. *Journal of Adolescence, 21*, 305-322.
- Jiménez, A. P., & Delgado, A. O. (2002). Comunicación y conflicto familiar durante la adolescencia. *Anales de Psicología, 18*(2), 215-231.
- Keijsers, L. (2015). Parental monitoring and adolescent problem behaviors: How much do we really know? *International Journal of Behavioral Development, 1–11*. doi: 10.1177/0165025415592515
- Keijsers, L., & Poulin, F. (2013). Developmental changes in parent–child communication throughout adolescence. *Developmental Psychology, 49*, 2301–2308. doi: 10.1037/a0032217
- Kerr, M., & Stattin, H. (2000). What parents know, how they know it, and several forms of adolescent adjustment: further support for a reinterpretation of monitoring. *Developmental Psychology, 36*, 366–380. doi:10.1037//0012-1649.36.3.366.
- Kerr, M., Stattin, H., Trost, K. (1999). To know you is to trust you: Parents' trust is rooted in child disclosure of information. *Journal of Adolescence, 22*, 737–52. pmid:10579887 doi: 10.1006/jado.1999.0266
- Keyes, C. (2006). Mental health in adolescence: Is America's youth flourishing? *American Journal of Orthopsychiatry, 76*, 395–402.
- Kim, J. & Cicchetti, D. (2006). Longitudinal trajectories of self-system processes and depressive symptoms among maltreated and nonmaltreated children. *Child Development, 77*, 624-639.
- Koesten, J. (2004). Family communication patterns, sex of subject, and communication competence. *Communication Monographs, 71*, 226–244.
- Kurdt, D., Fraga, F., Santos, I., Pereira, M., Silva, N., & Cardoso, S., (2012). Comunicação Entre Pais e Filhos Adolescentes de Escolas Públicas e Particulares. Retirado de:

COMUNICAÇÃO PAIS-FILHOS E AJUSTAMENTO PSICOLÓGICO

- <https://psicologado.com/atuacao/psicologia-da-familia/comunicacao-entre-pais-e-filhos-adolescentes-de-escolas-publicas-e-particulares>
- Lanz, M., Iafrate, R., Rosnati, R., & Scabini, E. (1999). Parent-child communication and adolescent self-esteem in separated, intercountry adoptive and intact non-adoptive families. *Journal of Adolescence*, 22, 785-794.
- Leifer, M., Shapiro, J., Martone, M. & Kassem, L. (1991). Rorschach assessment of psychological functioning in sexually abused girls. *Journal of Personality Assessment*, 56, 14-28.
- Levang, C. A. (1989). Interactional communication patterns in father/daughter incest families. *Journal of Psychology and Human Sexuality*, 1, 53-68.
- Levin, K. A., Dallago, L., & Currie, C. (2012). The association between adolescent life satisfaction, family structure, family affluence and gender differences in parent-child communication. *Social Indicators Research*, 106, 287–305. Retirado de: <http://dx.doi.org/10.1007/s11205-011-9804-y>
- Luntz, B. K., Widom, C.S. (1994). Antisocial Personality Disorder in abused and neglected children grown up. *American Journal of Psychiatry*, 151, 670–674.
- Lynch, M. (1988). The consequences of child abuse. In K. Browne, C. Davies & P. Stratton (Eds.), *Early prediction and prevention of child abuse* (pp. 203-211). London: John Wiley & Sons.
- MacCallum, R. C., Browne, M. W., & Sugawara, H. M. (1996). Power analysis and determination of sample size for covariance structure modeling. *Psychological Methods*, 1, 130–149.
- Maroco, J. P. 2014. *Análise de Equações Estruturais: Fundamentos teóricos, software & aplicações* (2ª edição). Pêro Pinheiro: ReportNumber.
- McGee, R. A., & Wolfe, D. A. (1991). Psychological maltreatment: Toward an operational definition. *Development and Psychopathology*, 3, 3-18.
- McMakin, D. L., Burkhouse, K. L., Olino, T. M., Siegle, G. J., Dahl, R. E., & Silk, J. S. (2011). Affective functioning among early adolescents at high and low familial risk for depression and their mothers: A focus on individual and transactional processes across contexts. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 39, 1213–1225. doi:10.1007/s10802-011-9540-4.
- McNaughton, J. (2000). Gender differences in parent-child communication patterns. *Journal of Undergraduate Research*, 3, 25-32.
- Meeus, W., Van de Schoot, R., Keijsers, L., Schwartz, S. J., & Branje, S. (2010). On the progression and stability of adolescent identity formation. A five-wave longitudinal study in early-to-middle and middle-to-late adolescence. *Child Development*, 81, 1565–1581.
- Meschke, L. L., & Juang, L. P. (2014). Obstacles to parent–adolescent communication in Hmong American families: exploring pathways to adolescent mental health promotion. *Ethnicity & Health*, 19, 144-159. doi: 10.1080/13557858.2013.814765.
- Metzger, A., Ice, C., & Cottrell, L. (2012). But I trust my teen: Attitudes and response to a parental monitoring intervention. *AIDS Research & Treatment*, 24(2): 1-10.

- Monteiro, L., Veríssimo, Santos, A.J., & Vaughn. B. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. *Análise Psicológica*, 3 (26), 7-21.
- Morsbach, S. K., & Prinz, R. J. (2006). Understanding and improving the validity of self-report of parenting. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 9, 1-21.
doi:10.1007/s10567-006-0001-5
- Neto, F. (1993). Satisfaction with life scale: Psychometric properties in an adolescent sample. *Journal of Youth and Adolescence*, 22(2) 125-134.
- Norman, R. E., Byambaa, M., R., Butchart, A., Scott, J., & Vos, T. (2012). The long-term health consequences of child physical abuse, emotional abuse, and neglect: A systematic review and meta-analysis. *PLoS Medicine* 9(11): e1001349.
doi:10.1371/journal.pmed.1001349
- Oberle, E., Schonert-Reichl, K. A., & Zumbo, B. D. (2011). Life satisfaction in early adolescence: Personal, neighborhood, school, family, and peer influences. *Journal of Youth and Adolescence*, 40, 889-901.
- Ochoa, G. M., Lopez, E. E., & Emler, N. P. (2008). Adjustment problems in the family and school contexts, attitude towards authority, and violent behaviour at school in adolescence. *Family Therapy*, 35(2), 93-108.
- Park, N. (2004). The role of subjective well-being in positive youth development. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 591, 25–39.
- Pistella, C. L., & Bonati, F. A. (1999). Adolescents women's recommendations of enhanced parent-adolescent communication about sexual behavior. *Journal of Child and Adolescent Social Work*, 16(4), 305-315.
- Portugal, A., & Alberto, I. (2010). O papel da comunicação no exercício da parentalidade: Desafios e especificidades. *Psychologica*, 52 (II), 387-400.
- Portugal, A., & Alberto, I. (2013). A Comunicação Parento-Filial: Estudo das Dimensões Comunicacionais Realçadas por Progenitores e por Filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 479-487.
- Proctor, C.L., Linley, P.A., & Maltby, J. (2009b). Youth life satisfaction: A review of the literature. *Journal of Happiness Studies*, 10, 583–630.
- Relvas, A. P. (1996). *O Ciclo vital da família. Perspectiva Sistémica*. Porto, Portugal: Afrontamento.
- Santos, N. R. (2005). *Projectos de investigação em Psicologia: Guia para a sua elaboração e execução*. Évora: NEPUE
- Schermelleh-Engel, K., Moosbrugger, H., & Muller, H. (2003). Evaluating the fit of structural equation models: Tests of significance and descriptive goodness-of-fit measures. *Methods of Psychological Research Online*, 8(2), 23–74.
- Schmidt, V., Messoulam, N., Molina, M. F., & Abal, F. (2008). Hacia una versión argentina de una Escala de Comunicación Padres-Adolescente. *Revista Interamericana de Psicología*, 42(2), 41-48.
- Schreiber, J. B., Nora, A., Stage, F. K., Barlow, E. A., & King, J. (2006). Reporting Structural Equation Modeling and Confirmatory Factor Analysis Results: A Review. *The Journal of Educational Research*, 99(6), pp. 323-337

COMUNICAÇÃO PAIS-FILHOS E AJUSTAMENTO PSICOLÓGICO

- Schumacker, R. E. & Lomax, R. G. (1996). *A Beginner's Guide to Structural Equation Modeling*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Segrin, C., & Flora, J. (2005). *Family communication*. London: Lawrence Erlbaum.
- Serna, L. A., Schumaker, J. B., Sherman, J. A., & Sheldon, J. B. (1991). In-home generalization of social interactions in families of adolescents with behavior problems. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 24, 733-746.
- Shek, D. T. L. (2010). Parental-adolescent trust and parental-adolescent relationships in Chinese families in Hong Kong: Implications for parent education and family therapy. *The American Journal of Family Therapy*, 38, 251-65. doi: 10.1080/01926180902945855
- Silk, J. S., Forbes, E. E., Whalen, D. J., Jakubcak, J. L., Smyke, A., Koga, S., Johnson, D., Fox, N., Marshall, P., Nelson, C., Zeanah, C. & the BEIP Core Group (2007). The caregiving context in institution-reared and family-reared infants and toddlers in Romania. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 48, 210-218.
- Taborda Simões, M. C. T., Martins, R. C., & Formosinho, M. D. (2006). Regulação do exercício do poder paternal: aspectos jurídicos e avaliação psicológica. In A. C. Fonseca, M. R. Simões, M. C. Taborda Simões, & M. S. Pinho (Eds.), *Psicologia Forense* (pp. 497-518). Coimbra: Almedina.
- Teodoro, M., Cerqueira-Santos, E., Morais, N., & Koller, S. H. (2007). Protective factors related to smoking among Brazilian youth. *Universitas Psychologica*, 7(1), 139-147.
- Tribuna, M. F. (2000). *Famílias de acolhimento e vinculação na adolescência*. Dissertação de Mestrado em Famílias e Sistemas Sociais. Instituto Superior Miguel Torga. Coimbra: Texto Policopiado.
- Trickett, P. & McBride-Chang, C. (1995). The developmental impact of different forms of child abuse and neglect. *Developmental Review*, 15, 311-337.
- Ullman, J. B. (2001). Structural equation modeling. In B. G. Tabachnick & L. S. Fidell (Eds.), *Using Multivariate Statistics* (4th ed; pp 653- 771). Needham Heights, MA: Allyn & Bacon.
- Valois, R. F., Zullig, K. J., Huebner, E. S., & Drane, J. W. (2001). Relationship between life satisfaction and violent behaviours among adolescents. *American Journal of Health Behaviour*, 25, 353-366.
- Van Dijk, M., Branje, S., Keijsers, L., Hawk, S., Hale, W. W., III, & Meeus, W. (2014). Self-concept clarity across adolescence: longitudinal associations with open communication with parents and internalizing symptoms. *Journal of Youth and Adolescence*. doi:10.1007/s10964-013-0055-x.
- Vangelisti, A. L. (2004). *Handbook of family communication*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Watzlawick, P., Beavin, J. H., & Jackson, D. D. (1993). *Pragmática da Comunicação Humana. Um Estudo dos Padrões, Patologias e Paradoxos da Interação* (9. ed.). São Paulo, SP: Cultrix. (Original publicado em 1967)
- Widaman, K. F. (2006). III. Missing data: What to do with or without them. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 71(3), 42-64.

- Wolfe, D. A., & McGee, R. (1994). Dimensions of child maltreatment and their relationship to adolescent adjustment. *Development and Psychopathology*, 6, 165-181.
- World Health Organization (WHO) & International Society for Prevention of Child Abuse and Neglect (ISPCAN) (2006). *Preventing child maltreatment: A guide to taking action and generating evidence*. Geneva: WHO Press.
- World Health Organization Europe (WHO Europe). (2005). *Mental health action plan for Europe: Facing the challenges, building solutions*. Helsinki: World Health Organization Europe.
- Xiao, Z., Li, X., & Stanton, B. (2011) Perceptions of parent–adolescent communication within families: It is a matter of perspective. *Psychology, Health & Medicine*, 16(1), 53-65, DOI: 10.1080/13548506.2010.521563
- Yang, X. & Zou, H. (2008). Characteristics of parent-adolescent communication. *Psychol Dev Educ (Chinese)*, 24: 49–54.
- Ying, L., Ma, F., Huang, H., Guo, X., Chen, C., Xu, F. (2015) Parental Monitoring, Parent-Adolescent Communication, and Adolescents' Trust in Their Parents in China. *PLoS ONE* 10(8): e0134730. doi:10.1371/journal.pone.0134730
- Zahn-Waxler, C., Klimes-Dougan, B., & Slattery, M. J. (2000). Internalizing problems of childhood and adolescence: prospects, pitfalls, and progress in understanding the development of anxiety and depression. *Development and Psychopathology*, 12, 443–466. doi:10.1017/S0954579400003102.
- Zhiwen, X., Xiaoming, L., & Stanton, B. (2011). Perceptions of parent-adolescent communication within families: It is a matter of perspective. *Psychology, Health & Medicine*, 16, 53-65. doi: 10.1080/13548506.2010.521563.
- Zhiwen, X., Xiaoming, L., & Stanton, B. (2011). Perceptions of parent-adolescent communication within families: It is a matter of perspective. *Psychology, Health & Medicine*, 16, 53-65. doi: 10.1080/13548506.2010.521563.

COMUNICAÇÃO PAIS-FILHOS E AJUSTAMENTO PSICOLÓGICO

Anexos

CRIANÇAS E ADOLESCENTES SINALIZADOS E NÃO SINALIZADOS À CPCJ

Anexo A – Adaptação Portuguesa da Parent-Adolescent Communication Scale (PACS)

Nas linhas que se seguem encontra-se um conjunto de frases sobre a comunicação entre pais e filhos. Indica, por favor, até que ponto concorda com cada afirmação, de 1 (*Discordo totalmente*) a 5 (*Concordo totalmente*), assinalando a tua resposta com uma cruz (X) no número correspondente.

MÃE						PAI				
Discordo totalmente	Discordo moderadamente	Nem concordo nem discordo	Concordo moderadamente	Concordo totalmente		Discordo totalmente	Discordo moderadamente	Nem concordo nem discordo	Concordo moderadamente	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	1. Posso discutir as minhas ideias com a minha mãe/o meu pai sem me sentir constrangido(a) ou envergonhado(a).	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	2. Às vezes, tenho dificuldade em acreditar em tudo o que a minha mãe/o meu pai diz	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	3. A minha mãe/o meu pai é sempre um(a) boa/bom ouvinte.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	4. Por vezes tenho medo de pedir à minha mãe/ao meu pai o que quero.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	5. A minha mãe/o meu pai tem tendência a dizer-me coisas que seria melhor não dizer.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	6. A minha mãe/o meu pai consegue perceber como eu me sinto sem me perguntar.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	7. Estou muito satisfeito(a) com a forma como a minha mãe/o meu pai e eu conversamos.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	8. Se eu estivesse com problemas, poderia contar à minha mãe/ao meu pai.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	9. Eu mostro abertamente afecto para com a minha mãe/o meu pai.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	10. Quando estamos a ter um problema, muitas vezes respondo à minha mãe/ao meu pai com silêncio	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	11. Tenho cuidado com o que digo à minha mãe/ao meu pai.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	12. Quando falo com a minha mãe/o meu pai, tenho tendência a dizer coisas que seria melhor não dizer.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	13. Quando faço perguntas, obtenho respostas sinceras da minha mãe/do meu pai.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	14. A minha mãe/o meu pai tenta compreender o meu ponto de vista.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	15. Há assuntos que evito discutir com a minha mãe/o meu pai.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	16. Acho que é fácil discutir problemas com a minha mãe/o meu pai.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	17. É muito fácil para mim expressar todos os meus verdadeiros sentimentos à minha mãe/ao meu pai.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	18. A minha mãe/o meu pai resmunga/aborrece-me	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	19. A minha mãe/o meu pai insulta-me quando está zangada comigo.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	20. Penso que não posso dizer à minha mãe/ao meu pai como realmente me sinto em relação a certas coisas.	1	2	3	4	5

COMUNICAÇÃO PAIS-FILHOS E AJUSTAMENTO PSICOLÓGICO

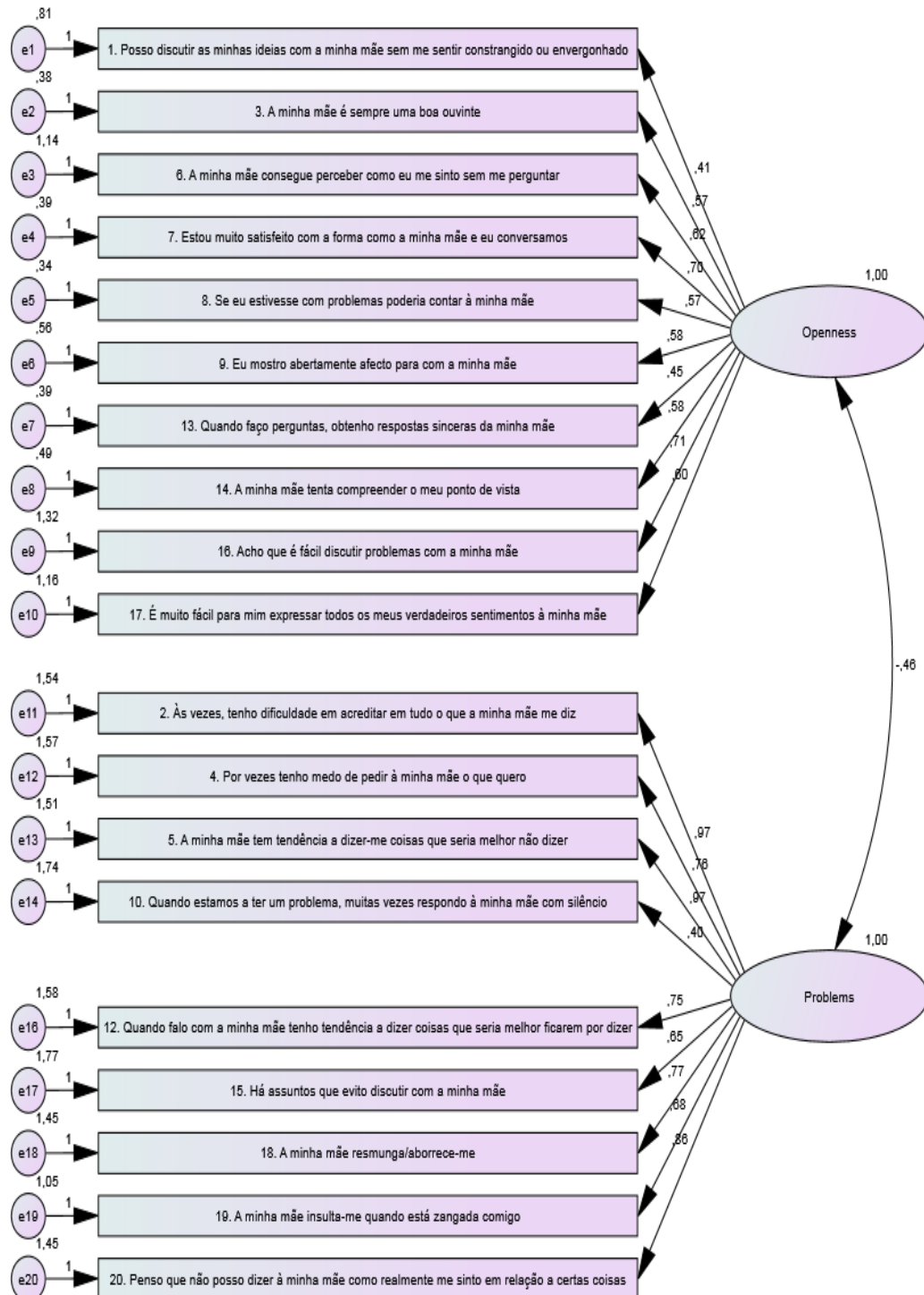
Anexo B – Escala de Satisfação com a Vida (ESV)

A seguir, estão cinco afirmações com as quais podes concordar ou discordar. Utilizando a escala de 1 a 7 em baixo, indica o grau de acordo com cada item, assinalando o número apropriado (Adaptado de Diener et al., 1985 por Neto, 1993).

1. Fortemente em desacordo; 2. Em Desacordo; 3. Levemente em desacordo;
4. Nem de acordo nem desacordo;
5. Levemente de acordo; 6. De acordo; 7. Fortemente de acordo

	Respostas						
1. Em muitos aspetos, a minha vida aproxima-se dos meus ideais.	1	2	3	4	5	6	7
2. As minhas condições de vida são excelentes	1	2	3	4	5	6	7
3. Estou satisfeito(a) com a minha vida.	1	2	3	4	5	6	7
4. Até agora consegui obter aquilo que era importante na vida.	1	2	3	4	5	6	7
5. Se pudesse viver a minha vida de novo, não alteraria praticamente nada.	1	2	3	4	5	6	7

Anexo C - Estrutura fatorial não estandardizada do modelo de dois fatores da Análise Fatorial Confirmatória (AFC) da versão da escala para a mãe (PACS: Mãe).



COMUNICAÇÃO PAIS-FILHOS E AJUSTAMENTO PSICOLÓGICO

Anexo D - Estrutura fatorial não estandardizada do modelo de dois fatores da Análise Fatorial Confirmatória (AFC) da versão da escala para o Pai (PACS: Pai).

